

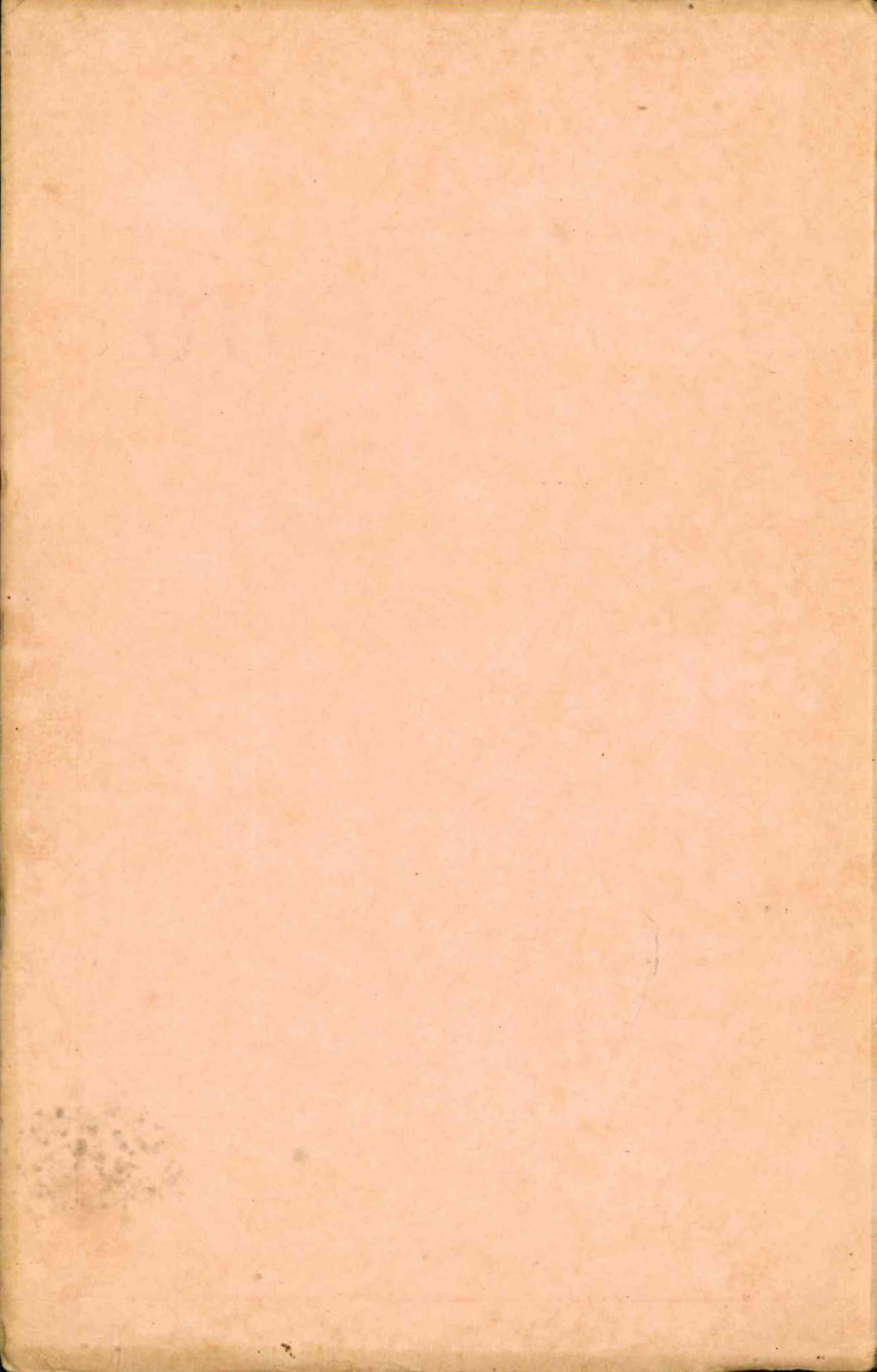
VIDA DE S. BENTO



S. Bento que se venera no monte
do Facho — Oliveira — Barcelos



S. Bento, Santo



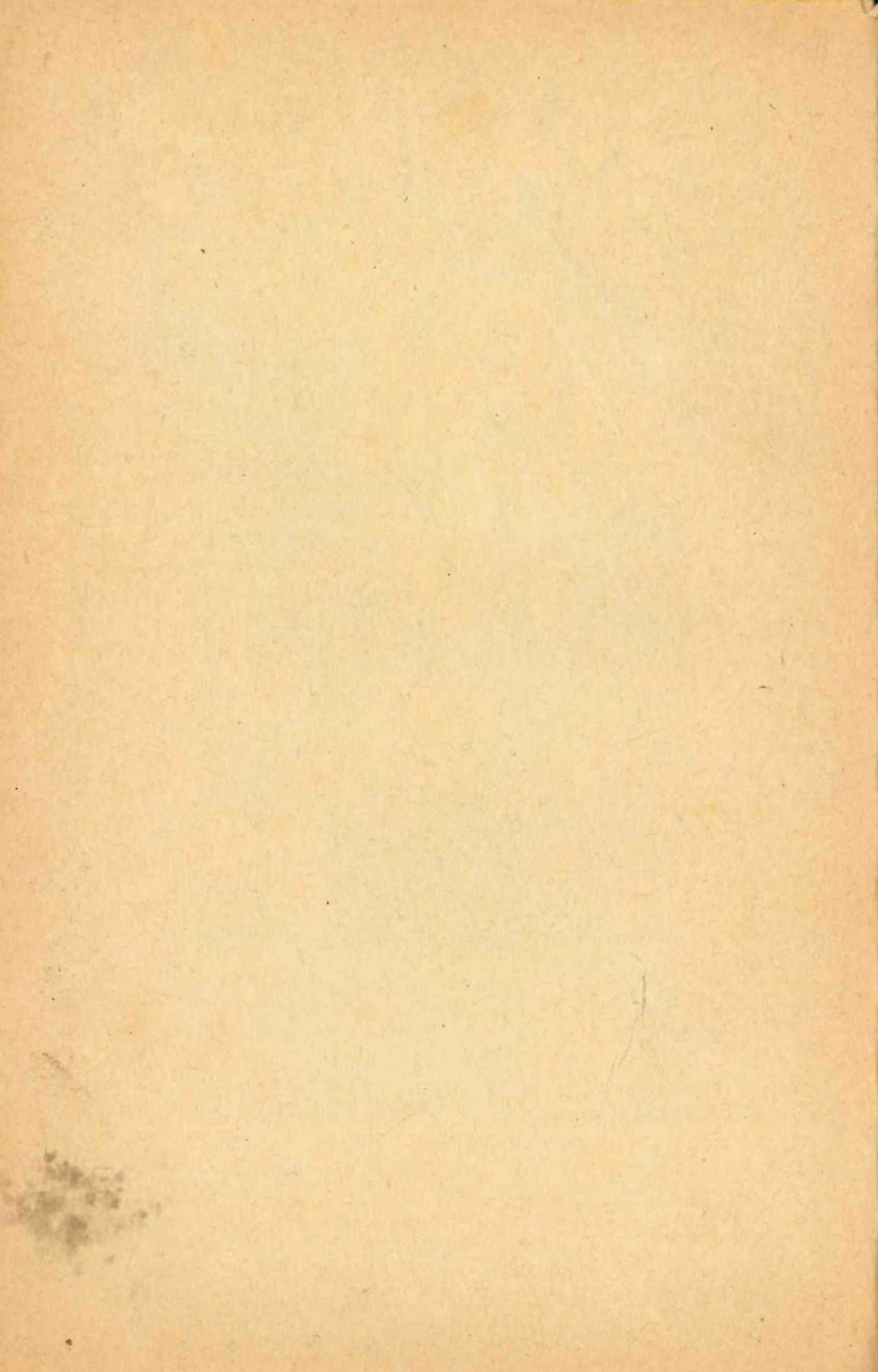
Oferecido
Em 15. VII. 1948
Franc. Colares e Silva

Barcelos

te
ten.

Foi-me oferecido este livro
por Manuel José Lopes
de Tancin, da freguesia
de Alviães, do concelho de
Barcelos - Grande devoto
de S. Bento que se venera
no alto do Monte do Pacho.
15. VII. Franc. Colares e Silva
1948

VIDA DE S. BENTO



Colecção «OPUS DEI» - II Série - Vida Litúrgica

(IX VOLUME)

VIDA DE S. BENTO

CONTADA ÀS ALMAS SIMPLES

POR UM FILHO SEU



Edição da Revista «OPUS DEI»
103, Rua Nova de Sousa, 107
BRAGA

—
1930

Imprimi potest
Antonius, Pr. O. S. B.

Nihil obstat.
Bracarae, 24 Maii 1929.

C. Insuellas,
CENS. ECCL.

Imprimatur.
Bracarae, 24 Maii 1929.
† Emmanuel, Archiepiscopus Bracarensis.

Composto e impresso na Tip. da «Pax»
BRAGA

DUAS PALAVRAS

E' ainda grande em Portugal a devoção a S. Bento; mas andam agora, infelizmente, um pouco fora dos moldes cristãos, em que se deveram fundar, as festividades em sua honra.

Pareceu-nos porém mais útil do que gritar aos quatro ventos contra a intromissão do paganismo nestas, como noutras festas religiosas, o pôr nas mãos dos romeiros e de todos quantos invocam, com fé ardente e simples, o glorioso S. Bento, alguma coisa que, ilustrando a sua piedade, fôsse como que o contra-veneno, que os restituisse à pureza do espirito cristão, e que os fizesse depois proceder em conformidade com êle. E' que temos para nós que as grandes reformas, nas almas como na sociedade, se hão de fazer do interior para o exterior, que só assim serão profundas, sólidas e duradoiras.

Foi em obediência a êste pensamento que se escreveu, em linguagem desataviada, esta «Vida de S. Bento contada às almas simples» para o que nos servimos principalmente dos livros que abaixo citamos em nota (1) e que qualquer devoto mais curioso poderá consultar com grande proveito.

Oxalá tenhamos conseguido realizar o nosso desejo e possamos contribuir desta sorte para a ilustração e afervoramento dos muitos devotos do Glorioso Patriarca dos Monges do Ocidente: — S. Bento.

UM FILHO SEU.

(1) Diálogos de S. Gregório Magno — Liv. II, (edição latina).

— Saint Benoit-L'œuvre et l'âme du Patriarche — por D. S. du Fresnel, O. S. B. — Abbaye de Maredsous — Namur — Bélgica.

— Essai sur la physionomie morale de S. Benoit — por D. I. Ryelandt, O. S. B. — Maredsous.

VIDA DE S. BENTO

I

Nascimento e primeiros anos

S. Bento, o S. Bentinho tão conhecido, amado e venerado pelos portuguezes, nasceu em Núrsia, na Itália, no ano de 480.

Foi muito crítico êsse final do século quinto, em que o Império Romano do Ocidente, mais gasto pela corrupção do que pelos anos, começou a decaír.

No meio da dominação ariana e pagã, um pequenino rebanho pastoriado pelo Papa Simplício, era o único fermento de luz, de verdade e de vida.

A «fria Núrsia» era uma terra privilegiada.

Os montes Apeninos resguardavam-na da corrupção das cidades, que a natureza áspera e grandiosa das montanhas inspira sempre costumes mais sãos, eleva os corações mais alto, acima das baixezas, das fraquezas de carácter mais frequentes nos habitantes das outras regiões. O homem da serra é valente e simples, íntegro e magnânimo, másculo e de vontade forte.

Através de tôdas as vicissitudes da história de Roma, Núrsia conservou a autonomia, e, com ela, as velhas tradições e instituições romanas.

Infelizmente os seus habitantes, com serem tão bem dotados, eram ainda pagãos; e foi lá pelos meados do século terceiro que o bispo de Foligno lhes anunciou o Evangelho. Estes corações rectos, ainda não contaminados pela corrupção, tinham grande apêgo aos seus deuses. No entanto, desde o instante em que, na sinceridade da sua fé, acolheram a Cristo, foram muito generosos e dóceis, facilitando assim a cristianização dos costumes.

Foi então, na altura em que este sangue romano tão puro estava já enobrecido e divinizado pela graça, que nasceu aquele que havia de ser o Patriarca dos Monges do Ocidente — S. Bento. Descendia êle da velha nobreza do seu país, e era certamente filho de pais cristianíssimos, que a santidade dos filhos é, em certo modo, o testemunho da virtude dos pais.

Sabe-se que teve uma irmã gémea — Escolástica — a qual se consagrou a Deus de tenra idade, e que aos dois unia o mais terno amor, o que deixa supor a harmonia que devia existir em tôda a família.

Bento, (ou Bendito) êsse, logo de pequenino foi bendito pela graça e pelo nome. Diz o Papa S. Gregório Magno, seu primeiro biógrafo, que de

tenros anos ainda, mostrava já a prudência dum ancião; não que êle tivesse envelhecido antes da idade e fôsse um menino sem a frescura e a ingenuidade própria dos verdes anos, não; S. Gregório quer sòmente dizer que êle, logo que a intelligência se lhe despertou, sem nada perder dos attributos da sua idade, conheceu por intuição o que a maior parte só conhece por experiêcia: a vaidade de tôdas as coisas. E é nesse sentido também que êle o diz «sàbiamente ignorante» porquanto está bem provado em estudos críticos que ultimamente teem adiantado muito neste ponto, que possuia grande cabedal de conhecimentos, tanto nas sciências sagradas, como nas profanas.

Bento era grave desde a infância, e em todos os pormenores da sua vida se nota a madureza dum velho. E' que o traço predominante do seu carácter é *um profundo espirito de religião*, uma tendência tão enraizada para a busca das coisas divinas, que pode dizer-se que a sua alma se erguia para Deus com a mesma naturalidade com que respiramos.

Desde novo começou a fazer na sua terra os estudos próprios desta época, segundo era tradição entre os nobres, que cuidavam a valer da educação dos filhos.

A caminho de Roma

Aí pelo ano de 497, portanto com 17 anos aproximadamente, Bento foi mandado para Roma, a fim de completar a sua instrução, no estudo de tôdas as artes liberais.

; Que diferença entre a vida da sua austera e pacífica Núrsia e a vida suntuosa e corrupta da Roma de então!

; Quanto o não havia de sentir êste cândido jovem, profundamente piedoso, com a fé viva dum primitivo e a gravidade dum romano puro!

E' claro que não ficava insensível a tudo aquilo que nessa cidade «rainha do mundo» se podia harmonizar com a nobreza da sua alma, como, por exemplo, «a majestade soberana dos monumentos» e todo êsse não sei quê de grandeza e de fôrça, que por tôda a parte andava impresso nas suas múltiplas obras de arte. Mas a miséria e a morte, que a custo se dissimulavam nos refolhos de tôda esta glória artificial, não podiam escapar ao espírito bem formado do jovem nursiano, habituado a sondar as realidades.

A sociedade dêsse tempo era tal que alguém chegou a dizer com contundente ironia, que para ela a pobreza não era só a pior das vergonhas, ou o último dos crimes . . . porque era único . . .

E assim, a admiração que tantas magnificên-

cias originavam, misturava-se com uma grande tristeza que tantas misérias não podiam deixar de causar.

E os estudos? as letras e a eloquência? No tempo de Augusto fôra o apogeu; agora, a decadência.

Em tôda a parte a rotina, a frivolidade, a vacuidade. Até a Escola dos juristas sofreu deste mal. Havia de ser o Cristianismo que deveria acudir a uns e outros, já salvando os antigos padrões da cultura clássica, já insuflando nova vida, criando moldes novos.

As relações forçadas com condiscípulos mais ou menos depravados, seria para Bento um dos mais custosos sacrifícios. Mas não era só o mundo profano que lhe havia de trazer decepções. A própria Roma católica passava então doloroso transe. Assistiria até a prolongado scisma e à criação dum anti-papa. Nunca o nosso jovem, firme na sua fé, duvidaria da divindade da Igreja; antes a dureza da provação aumentaria a fidelidade desta alma de eleição; mas ficaria a conhecer bem a fraqueza dos homens, e esta lição ser-lhe-ia muito salutar pela vida fora, a êle que foi chamado a ser pastor de almas, chefe e fundador duma Ordem. — Mas nem tudo na cidade Eterna eram sombras e desgostos para o jovem Bento de Núrsia.

Que deliciosas impressões não sentiria na pie-

dosa peregrinação pelas catacumbas, então restauradas e abertas ao público? Ou então na basílica do Príncipe dos Apóstolos, ou na famosa basílica de S. Paulo? Aí sorveria — quem sabe? — aquele grande espírito de fé de que está impregnada toda a Regra; aí germinaria talvez aquele amor à Igreja, à Cadeira de Pedro e à Liturgia, amor que, através das eras, tem sido das grandes virtudes dos seus filhos espirituais.

A caminho da solidão

Por nascimento e por direito de conquista, Bento poderia aspirar a posição muito brilhante. Mas o receio de cair nessa mesma lama que tanto lhe repugnava, e um chamamento especial do alto, determinaram a sua saída de Roma, antes de acabar os estudos, em busca de Deus, pois toda a sua ambição era agradar-lhe, como afirma S. Gregório Magno.

Só a sua velha ama que lhe queria muito conheceria o segredo da sua resolução e o acompanharia; que as velhas amas, neste tempo, eram umas segundas mães, e é frequente vê-las tomar parte em passos importantes da vida dos pupilos.

Certa tarde eles lá vão pela Porta Tiburtina. Para onde? Nem eles, ao que parece, o teriam determinado com precisão.

Sabe-se pelos «Diálogos» de S. Gregório que

pararam e demoraram em Enfida, a instâncias da caridosa população dessa terra, situada nos montes Sabinos, do lado das colinas do Tibre, perto das gargantas em que o rio Anio ruga, salta e espuma furibundo como leão enjaulado.

Em Enfida permaneceram algum tempo, não se sabe quanto. Certo dia a velha ama pediu um crivo emprestado a uma vizinha caridosa; deixando-o, porém, descuidadamente em cima duma mesa, talvez muito à beirinha, êle caíu, não se sabe como, e partiu-se.

A pobre mulher ficou inconsolável. Bento, comovido, pegou nas duas partes do crivo partido e pôs-se de joelhos a rezar com muitas lágrimas. E eis se não quando — ó maravilha! — levanta-se com o crivo inteirinho nas mãos, sem sinais sequer do acidente, e entrega-o à boa da mulher com palavras de consolação. Foi o seu primeiro milagre.

Compreende-se o alvoroço da velha ama e o entusiasmo com que ela publicou logo a maravilha aos quatro ventos... O crivo, êsse, foi posto à porta da igreja e por tôda a parte reboou o mesmo grito: — «é um santo! é um santo!...».

Para Bento estes louvores do mundo fôram um toque de alerta. Tratou logo de se furtar a êles, não fôsse prender-se nas suas malhas cativantes...

Mas que fazer? Dar-se já às asperezas da vida eremítica?

Contemporizar? — Coração magnânimo, natureza ardente e vontade forte, não conhecia transigências. Condescender seria descer com alguém... A única solução era entregar-se resolutamente nas mãos de Deus e partir. Foi o que fez.

Desta feita quebrou todos os laços, Deus sabe com que sacrifício.

Partiu sozinho, às escondidas, e meteu-se no coração das montanhas, desembocou no vale do Anio, e ei-lo a caminhar, de rochedo em rochedo, já em Subiaco, até um lugar de maravilha...

De repente seus olhos encontram ao longe um vulto. Era um cenobita, chamado Romano, dum mosteiro vizinho em que governava o abade Teodato. Cheio de surpresa por encontrar ali aquele jovem de grave distinção, naturalmente perguntou-lhe o que o trazia por aquelas paragens e é provável que o tenha mesmo convidado a hospedar-se no seu mosteiro.

Bento ter-lhe-ia dito tudo o que ia em seu coração, e de tal sorte o cenobita o julgou objecto de especial predilecção e chamamento de Deus, que não houve finezas que, em tais circunstâncias, lhe não prestasse. Provavelmente revestiu-o do «melote», espécie de vestuário feito de peles de carneiro ainda com a lã, que era então o hábito religioso.

Fôsse como fôsse, o certo é que a Providência

lho colocou no caminho para o ajudar, como ajudou, nos seus tempos de solidão.

Procuraram juntos uma caverna quási inacessível, cavada num recôncavo dum precipício horrível, mas com lindas vistas para o céu azul... Era aqui que o monge Romano lhe trazia certos dias uma porção de pão, que secretamente tirava à sua ração de cada dia. E, para não perturbar a vida solitária de Bento, com uma campainha prêsa a uma cordita, avisava-o da remessa do parco alimento.

Nessa gruta viveu três anos a vida solitária, desconhecido de todos.

¿ O que não seria o frio naquelas paragens e — pior ainda — quais não seriam as lutas do espírito e da carne, nesse deserto, na monotonia dêsses mesmos dias, no alheamento desta vida estranha?!

Mas que oração tão alta! que convívio infável! Certamente Deus daria cem por um a essa vontade tenaz, a essa fé sem limites. Dar-se-ia a Si mesmo.

Mas êsse «duelo do deserto» seria terrível. O conhecimento da presunção, do orgulho louco e dessa inclinação tão acentuada para as ilusões da vã glória, fá-lo hão, mais tarde, julgar muito extraordinária a vocação para a vida ermita e manifestar abertamente a sua preferência pela vida ce-

nobítica. E só depois de largas provas na vida cenobítica, em que de resto há ocasião, que aquela não dá, de se exercer em larga escala a caridade para com o próximo; só depois do monge ter aprendido a lutar com o demónio no meio dos seus irmãos; depois de longamente provado na obediência e demais virtudes, é que ele o deixará partir para essa luta corpo a corpo.

* * *

Num sábado de aleluia, preparava um sacerdote, que vivia quatro milhas de distância da gruta, o seu jantar de consoada. Nisto, o Senhor aparece em visão ao dito sacerdote e diz-lhe: «Preparas para ti uma boa refeição, e, no deserto de Subiaco o meu servo está atormentado com fome. Logo que ouviu esta voz, o sacerdote, naquele mesmo dia de Páscoa, dirigiu-se ao lugar indicado com o alimento que preparara para si, e, procurando o homem de Deus pelas ladeiras dos montes e pelos côncavos dos vales, encontrou-o por fim escondido na gruta. Deram-se o ósculo de paz e algum tempo se entretiveram em piedoso colóquio até que o sacerdote caridosamente intima o solitário:

Levanta-te e vem; vamos comer e celebrar juntos esta festa de Páscoa.

— Sim, hoje é Páscoa para mim, — responde com requintes de gentileza o eremita —, porque tenho a grande alegria de te ver.

Longe do mundo, nem sabia se se celebrava ou não a Ressurreição do Senhor. O sacerdote porém insiste:

— É Páscoa, sim, e portanto não convém que guardes abstinência, e eu fui enviado pelo Senhor para celebrar contigo esta grande solenidade.

E então o santo rende-se com toda a simplicidade aos desejos do seu hóspede, intérprete da vontade de Deus.

¡ Como ele era simples, lhano, afável !

Pela mesma época, uns pastores descobriram a gruta e lobrigando, através das silvas, um ser vivo revestido de peles, tomaram-no a princípio por um animal selvagem. Mas quando depois conheceram o servo de Deus, muitos deixaram-se instruir por êle e abraçaram uma vida santa.

Desde então, Bento se viu cercado de gente das redondezas, na sua maioria pastores, que se deixavam por sua vez pastorear por êle . . . « Desde então, a gruta, onde vivia o servo de Deus, era frequentada por muitos, que trazendo-lhe alimento corporal, recebiam no seu peito alimentos de vida eterna ».

Mas não tinha por enquanto soado a hora de entrar em novo campo de acção. Deus queria

ainda fazê-lo passar por uma provação de fogo, para o purificar como ao ouro no crisol.

Tentação da carne

A sua vida na gruta era toda gasta em meditações elevadas, ardentes affectos, altos colóquios de amor com Deus. Satanás é que não estava contente com esta vida tão pacífica, e tão cheia de consolações espirituais, e procurava todos os meios possíveis de retirar o servo de Deus do bom caminho. Um dia appareceu-lhe o tentador sob a forma dum melro e começou a esvoaçar tão perto da cara de Bento, que este quase o podia apanhar. Levado por natural repulsão e por uma moção sobrenatural do Espírito Santo, o jovem eremita fez o sinal da cruz e o melro fugiu.

Mas logo lhe enlaçou com tal infernal subtilidade as potências inferiores, que o eremita não pôde deixar de sentir um terrível embate. Esse raiozinho de luz divina, que, ordinariamente o illumina e aquece, desapareceu também.

Deus esconde-se... e o que vale a Sua presença só o avalia bem quem algum dia a perdeu, que não há como perder um bem para se saber o que elle vale.

Aridez e desolação na alma, era terreno propício para uma sugestão diabólica. E o demónio,

que não perdeu apesar da queda, as grandes qualidades inerentes à sua natureza, e que lhe permitem produzir fenómenos que excedem as nossas fôrças, aproveitou o ensejo.

E insinuou :

— Quem sabe? ter-me hei enganado na escolha duma vida tão austera, tão acima das fôrças da natureza? Não será tentar a Deus?

E então perpassa-lhe pela imaginação a recordação duma jovem que conheceu em Roma e que lhe surge agora cheia de sedução, como a incarnação ideal do mais legítimo e puro amor, abençoado pelo próprio Deus . . .

De sobra conhecia o solitário a pouca fôrça da objecção . . . mas o Senhor permitiu que nesta hora, tudo isso, pela sofística diabólica, tomasse estranho vulto e aparências de luz . . .

Que luta!

Nisto, Bento, talvez apenas senhor da parte mais fina e superior da alma em desordem, a ponto de estar prestes a cair vencido e a abandonar a solidão, mede dum olhar o abismo . . . Deus está com ele mais do que nunca e, com a sua ajuda, é que ele vai praticar um acto heróico . . . Tira a pele de carneiro e roja-se com ímpeto sobre umas silvas, até que a ardência das feridas abertas vença os ardores da concupiscência da carne . . .

Venceu. ; Como esta maneira tão enérgica de lutar contra uma tentação da carne mostra bem o grande aprêço em que S. Bento tem o valor da união da alma com Deus, pois que só as soluções fortes e extremas lhe parecem boas desde que se trata do reino de Deus na sua alma!

Esta luta formidável, depois da qual não mais se levantou a carne contra o espírito, torná-lo ia mais digno de Deus e fá-lo ia mais capaz de conhecer as dificuldades dos filhos espirituais . . . E o surpreendê-lo assim neste passo é-nos bem grato e proveitoso, tanto mais, quanto é certo que, às vezes, se crê que os santos não tiveram dificuldades na sua vida, nem tiveram de fazer esforço na sua colaboração com a graça de Deus, como se tudo fôsem rosas sem espinhos. Nada disso. Simplesmente fôram muito generosos e fiéis à graça, às moções do Espírito Santo, e essa generosidade, êsse abrirem-se às efusões da graça, tornou-lhes mais fácil o que em si é difícil, e como que fez desaparecer as dificuldades. Elas lá estão; sòmente as venceremos, tanto mais fácilmente, quanto mais generosos formos.

II

Em contacto com as almas

Dolorosa provação

O povo das cercanias continua a procurar o valoroso eremita, atraído pelo perfume do seu viver angélico, subjugado por êsse domínio estranho que a virtude tem em tôda a parte.

Certo dia a gruta foi invadida por um grupo de monges dum aldeia das margens do Anio, chamada Vicovaro, entre Subiaco e Tivoli.

O seu abade morrera, e eles vinham então instar com Bento de Núrsia para que se dignasse dirigí-los pelos caminhos da santidade.

O santo eremita porém, já por não querer abandonar a sua gruta escondida, já talvez por conhecer a fama dêstes monges, ou porque o seu contacto psicológico descobrisse as verdadeiras disposições destas almas, escusou-se uma e muitas vezes.

Diz-lhes mesmo com muita bondade que não crê que o seu género de vida e os seus hábitos se possam conformar com a concepção que êle tem da vida espiritual.

Mas os monges insistem de tal sorte, fazem protestos tão calorosos que Bento, sacrificando a sua querida solidão, e apesar da íntima repugnância que sente, acede ao convite, e vai com elles para o mosteiro.

Estava este à maneira oriental, formado pela reunião de grutas, grandes e pequenas, dispostas em escala pela montanha fora. Aí se juntava a vida eremítica à cenobítica. Estes monges viviam cada qual na sua gruta, isolados uns dos outros, mas juntavam-se todos em duas grutas mais amplas — o oratório e o refeitório — para celebrarem o officio divino e para as refeições regulares. Tal sistema requeria da parte do superior uma vigilância constante e uma energia inquebrantável.

A não ser assim, em breve viria a relaxação da comunidade.

Em tal estado estavam estes pobres monges; e o facto de terem ido chamar homem de tanta fama para os guiar só se explica, ou por uns restos de pudor ou — o que é mais provável — com o intuito de atraírem, pela presença de tão afamado eremita, o renome e os favores dos grandes do mundo.

Bento teria feito tudo para converter estes desgraçados monges, habituados já a viver segundo lhes parecia.

¿Teria o ardor de Bento, inexperiente ainda

no difícil govêrno das almas, andado algum tanto depressa de mais? Pode ser que assim tenha sido e que, recordado dêste passo, é que êle tenha depois concebido e escrito êsses capítulos admiráveis da sua Regra, em que fala do Abade (capítulos 2 e 64).

Mas com tantos elementos máus, parece que todos péssimos — que «as coisas óptimas se se corrompem, tornam-se péssimas» não seria possível fazer obra boa.

E se não preguntemo-nos: — como é que êle próprio, pouco depois, orientou tão bem, não uma, mas muitas comunidades, onde havia elementos de tôdas as classes e com tão diversas aptidões? E' que «no campo das almas dá-se o mesmo que no campo da física: — o mesmo sol que derrete a cera, endurece a lama».

Aconteceu que os «monges ao verem que o novo Abade os obrigava ao cumprimento exacto das leis do mosteiro, (1) e que não as podiam quebrantar, como até então, por actos ilícitos, não sei que vento de loucura os enfureceu, que começaram a censurar-se a si mesmos por terem eleito Abade aquele cuja rectidão de vida se opunha ao seu mau procedimento. E como no govêrno de Bento não eram lícitas as coisas ilícitas, sentindo

(1) «Diálogos» de S. Gregório Magno — Cap. III

êles vivamente o terem de abandonar os antigos costumes, e sendo-lhes difícil renovar o modo de viver, que seguiam, pois os infelizes já estavam envelhecidos na relaxação, concordaram em tirar a vida a Bento. Para tal efeito resolveram envenenar o vinho que lhe haviam de servir à mesa.

¡ O' loucura! ¡ ó insensatez sem limites!

¡ Sempre foi intolerável aos maus e perversos a vida dos bons e justos! Chegou a hora do jantar. Estando já sentado o Abade, apresentaram-lhe os irmãos o vinho, para benzer como era costume naquele mosteiro.

Bento estendeu a mão e fez o sinal da cruz sôbre o copo. Nisto, apesar de um tanto longe, desfez-se êste logo em bocados, como se, em lugar da bênção, o Abade lhe atirasse uma pedra. O homem de Deus compreendeu imediatamente que o copo continha bebida de morte, visto que não pôde resistir ao sinal da vida.

Levantou-se logo, e sem perder a serenidade da alma e a placidez do rosto, convocou os irmãos e falou-lhes nestes têrmos: — Que o Deus omnipotente vos perdoe irmãos. ¡¿ Que intentastes contra mim?! ¡ Não vos disse eu, desde o princípio, que os vossos costumes não podiam concordar com os meus? Ide, pois, procurar um Abade segundo a vossa vontade, porque de aqui em diante já não me tereis por Superior.

E dito isto, despediu-se, e retirou-se para a sua amada solidão de Subiaco onde habitou só consigo, na presença de Deus, único inspector das suas acções.

... «Se o santo homem quisesse governar aqueles irmãos, unànimemente conspirados contra a sua vida e muito discordantes do seu modo de viver, talvez tivesse de perder o seu fervor e costumada tranquilidade e de afastar os olhos do seu espírito da luz da contemplação; e, fatigando-se na correcção das súbditos, trataria menos da sua; e talvez até, esquecendo-se de si, não encontraria nenhum adiantamento naqueles.

«Tôdas as vezes que, por uma demasiada comunicação com o mundo, saímos fora de nós, não estamos connosco; porque não nos vendo a nós mesmos, andamos a vaguear por outras coisas.

... «Dizia eu que Bento habitou consigo e com razão, porque sempre ocupado na guarda de si mesmo, considerando-se sempre diante dos olhos do seu Criador, e examinando continuamente as suas acções, nunca permitiu que os olhos do seu espírito andassem vagueando.

.....¿Deveria ou não o homem de Deus abandonar os irmãos, que primeiro tinha recebido debaixo do seu govêrno?

« — Segundo o meu modo de pensar, diz S. Gregório Magno, podem-se sofrer alguns indi-

víduos maus da Comunidade, quando nela também há alguns bons. Se, porém, todos os súbditos são maus e não há esperança de obter a sua emenda, em vão trabalhará o Superior nessa Comunidade, e deverá abandoná-la, sobretudo se em alguma outra parte tem esperanças de tirar mais fruto, e de trabalhar com mais proveito no serviço de Deus?

«¿ Como poderia este santo homem governar aqueles irmãos todos conspirados contra si ?

. «É a verdade é que não fôram tantos os rebeldes que abandonou, quantos os que noutras partes livrou da morte da alma.» (1)

(1) Diálogos. Cap. III.

III

Escola do serviço do Senhor

«O santo homem na solidão, foi progredindo cada vez mais em virtude, e Deus concedeu-lhe também o dom dos milagres.

«Tanto cresceu o número dos que vieram entregar-se com êle ao serviço de Deus omnipotente, que se viu obrigado a construir doze mosteiros com o auxílio de Jesus Cristo, Senhor Nosso. Para cada um dêsses mosteiros enviou doze monges (1) com o respectivo superior, deixando em sua companhia alguns que julgou terem necessidade de mais instrução» provàvelmente os noviços.

Bento é o Pai, o patriarca desta grande *família espiritual*, — que um mosteiro beneditino é uma família.

Ainda então não estava escrita a «Regra»; durante êsse largo período de perto de trinta anos, viveu-se e foi-se lentamente delineando o que mais tarde havia de ser um código de vida modelar, uma verdadeira «suma do cristianismo».

(1) Tradição muito querida em tôda a Igreja, em homenagem aos doze apóstolos.

Quer seja por inspiração do céu, quer seja fruto da sua experiência, ou antes por estes dois factores conjugados, o certo é que Bento de Núrsia não adoptou o modo de vida semi-eremítica, à maneira oriental, como a daqueles pobres monges de Vicovaro.

Não, que elle conhecia demasiado os perigos dessa organização tão favorável à cultura do «eu» egoísta, e do mais pernicioso individualismo. Tudo isso não passava duma espécie de farisaismo, feito de observâncias puramente exteriores. Bento não desdenhou essas observâncias dos antigos; «modificou-as, adaptou-as às necessidades das almas, dos tempos e dos lugares, sim, mas teve-as apenas como guardiãs de perfeição interior. Ou melhor: — quis que, para os seus discípulos, elas fôsem o desabrochar normal da vida interior, que é tudo».

¿ O que seria a vida desta grande família espiritual nas cercanias de Subiaco?

De dia e de noite, a horas determinadas, todos se reuniriam na igreja para cantarem a divina salmódia. Em comum se faria também a leitura, que serviria simultâneamente de preparação e de prolongamento da oração litúrgica e daria pasto às almas para a oração privada. Em comum seria igualmente o trabalho.

Pode supor-se o que seria o trabalho: formação dos postulantes e dos noviços, das mais variadas condições e habilitações.

Dar-se iam também à instrução e evangelização dos povos daquelas redondezas e à recepção dos hospedes que vinham procurar a paz do mosteiro. Além disso, o trabalho de construção e embelezamento do mosteiro e suas dependências; a igreja, sobretudo, seria ornada com todo o esplendor para ser mais digna do seu nome e das funções sublimes que nela se desempenhavam e dos sublimes mistérios que se passavam sob as suas abóbadas.

O Patriarca desta família numerosa aproveitaria desde logo, para bem de todos, as aptidões de cada qual, e aí temos um esboço da diferença entre monges do côro e irmãos leigos.

Mas frisemos melhor o que era o labor desta colmeia.

S. Bento dava lugar primacial à *leitura divina*, a que os monges consagravam algumas horas por dia, e que estava muito na tradição apostólica. Consistia ela, primeiro, no elementar estudo do saltério e de tôdas as partes do ofício divino, indispensável sobretudo para os religiosos menos ilustrados. Depois, vinha o estudo aprofundado da Sagrada Escritura, que tornava os monges «doutos na lei divina».

Tôdo êste labor teria o seu deleite, pois dava êsse gôsto das palavras divinas, que alimentaria a contemplação.

Um outro fruto da *leitura divina*, era o zêlo pelo apostolado, exercido por meio da palavra falada e escrita. E assim vemos S. Bento incansável na prègação, tanto em Subiaco, como mais tarde no Monte Cassino. E, depois dêle, virá tôda essa pléiade de monges evangelizadores do mundo. Mais. Os mosteiros, com a sua escola claustral para crianças, escola instituída já por S. Bento, e depois com as suas escolas de teologia, não tardariam a ser, não só o refúgio do saber antigo, mas centros de actividade intelectual eminentemente civilizadora. Depois, para a intelligência e penetração da Sagrada Escritura era preciso o estudo das ciências profanas, só como auxiliar, é claro. Qual fôsse a intensidade do labor intelectual, pode-se depreender daquilo que a Regra que S. Bento então delineava e mais tarde deu à luz em Monte Cassino, prescreve aqui e além. S. Bento no capítulo 54 enumera as tábuas e o estilete entre as coisas necessárias a cada monge e das quais êle deve desapegar o coração. E' que estes instrumentos de trabalho, então usados para escrever, eram já muito importantes na vida dos monges, nesse tempo que a imprensa era ainda desconhecida e em que os copistas tinham de tras-

ladar letra por letra os bons códices. Que trabalho! No capítulo 47 S. Bento fala também da biblioteca e dos códices, que dela se deviam tirar para entregar a cada monge no princípio da Quaresma, e que deviam ser lidos integralmente durante êsse período de penitência especial.

No capítulo 73 são enumerados alguns dos livros que então havia na biblioteca — êsse arsenal do mosteiro, como depois lhe chamariam — e assim, além dos livros do Antigo e Novo Testamento, havia larga representação dos escritos dos Santos Padres, as obras de Cassiano, as vidas dos antigos monges do deserto, as Regras de S. Basílio, etc.

Êsse «*arsenal*» devia ser acrescentado constantemente com novas cópias. E a importância desta função dos monges ainda avulta mais, a nossos olhos, se pensarmos que então saber ler era um talento de que podia orgulhar-se quem o possuía, pois era raro. Que impulso pois o dado por São Bento à civilização, pois punha livros nas mãos de todos os seus numerosos discípulos!

Mas entre tantos que se acolhiam ao mosteiro, alguns havia de condição humilde e de talentos poucos, com negação até pelas letras, mas com coração generoso e fé viva e simples. Para êsses escolheria S. Bento ocupação adequada, deixaria mesmo que se empregassem nos seus ofícios, nas

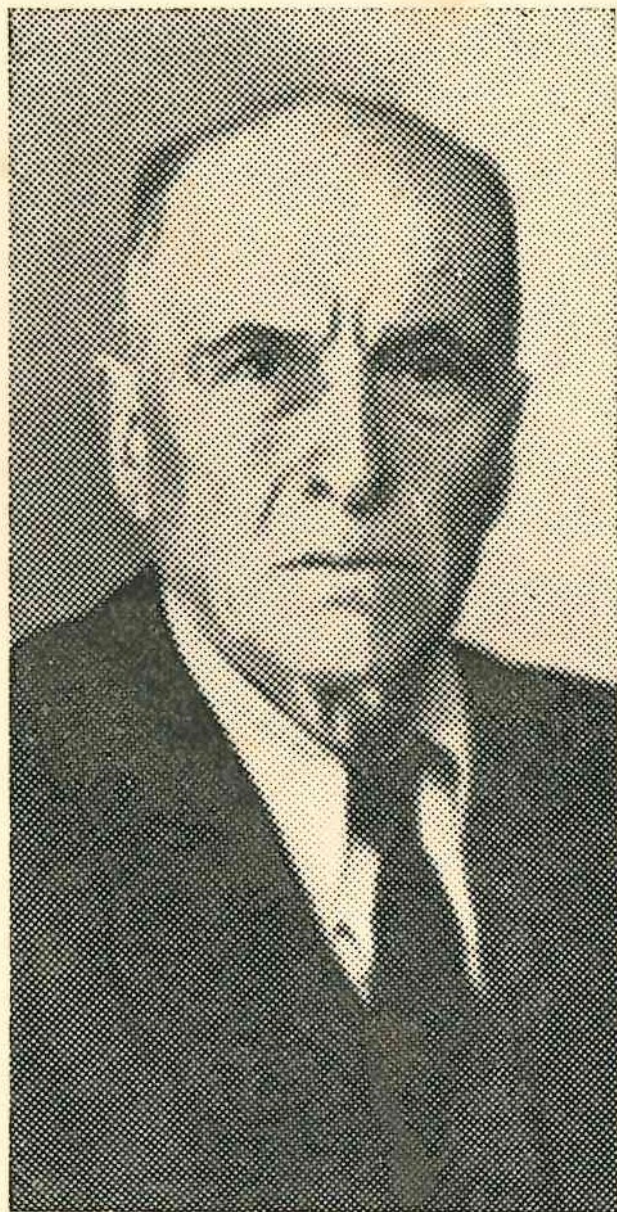
suas especialidades. E assim temos um esboço da diferença que hoje é ponto assente, entre monges do côro e irmãos leigos, partilhando todos aliás dos mesmos bens espirituais. E o trabalho manual gozará até de grande estima no conceito de S. Bento, tanto que êle diz que seus filhos serão verdadeiramente monges se fôrem obrigados, quer pela pobreza do mosteiro, quer pela necessidade do lugar, a fazer as colheitas. E o trabalho manual, por mais humilde que seja em si, é sempre tido como um acto de religião; é feito com grande espírito de fé, na mais santa alegria e na mais perfeita paz.

* * *

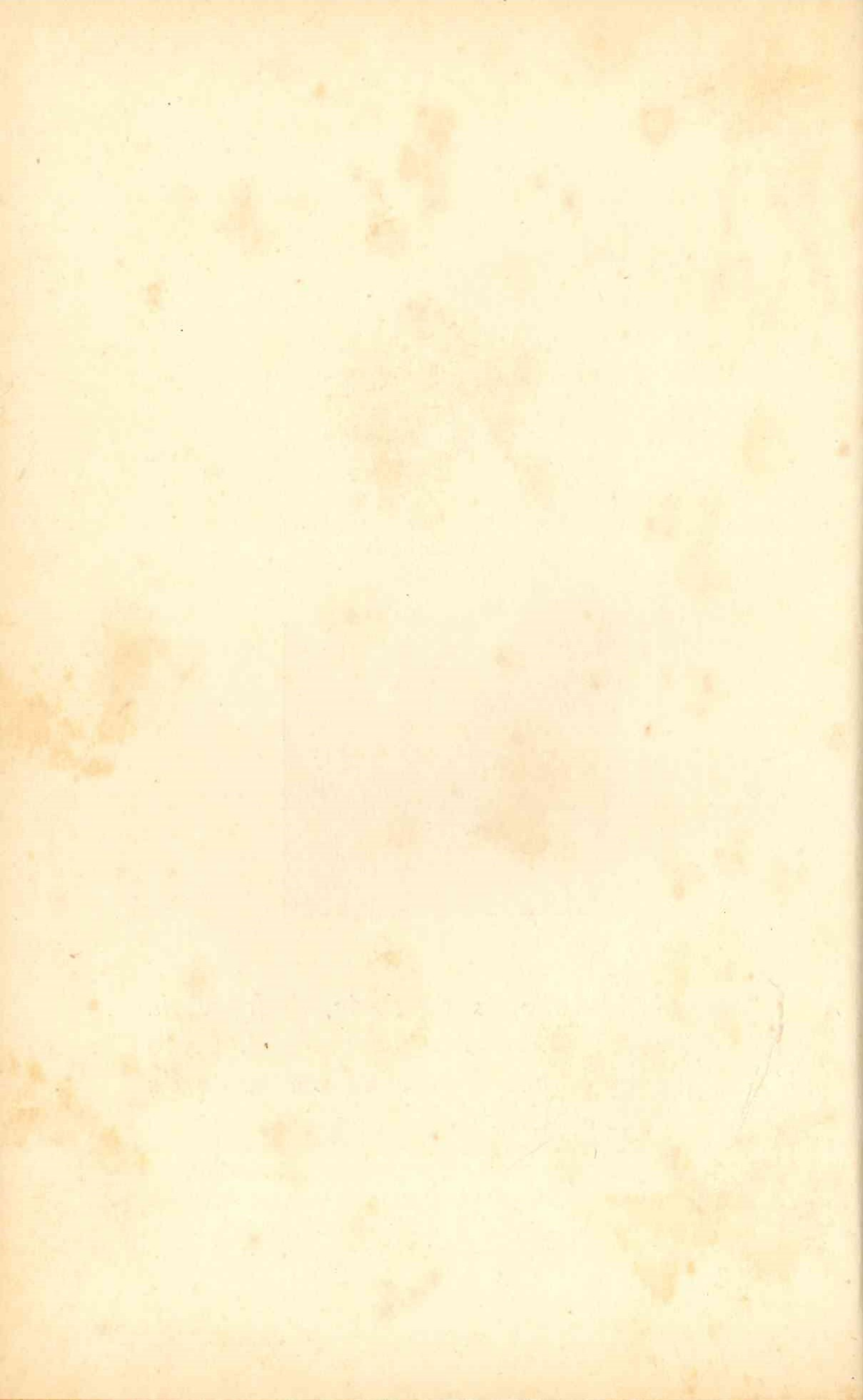
Bento seria de entre todos o mais observante. E como a fama da sua santidade se espalhou por tôda a parte, «de Roma começaram também a afluir pessoas nobres e tementes a Deus, a oferecerem os seus filhos para serem instruidos na doutrina e religião de Cristo.

«Equício entregou o seu filho Mauro (ou Amaro, o Santo Amaro tão venerado entre nós), e o patrício Tertúlio, o seu filho Plácido, ambos êles de tenra idade, mas de boas esperanças.

«Mauro, pela sua rectidão de costumes, foi logo escolhido para auxiliar do seu mestre; Plácido, ainda muito jovem, foi passando os anos da infância na companhia de Bento».



Manuel José Lopes de Faria, da freguesia de Oliveira, em reconhecimento a S. Bento por lhe ter obtido a cura de um quisto de carácter canceroso.



Castigo dum monge que
não assistia à oração (1)

E' claro que a natureza humana nem sempre se deixa absorver com igual docilidade pela graça. E assim é que, num dos mosteiros edificados por Bento, havia um monge que não podia assistir ao ofício divino: — logo que os irmãos se inclinavam para dar comêço à oração, êle saía fora, e, com o espírito distraído das coisas celestiais e eternas, tratava só de coisas terrenas e transitórias. Repreendido muitas vezes pelo seu Abade não se corrigia. Foi então levado ao homem de Deus, que também repreendeu severamente a sua loucura. A advertência de Bento produziu algum efeito, porque o monge, depois que voltou ao mosteiro, seguia o ofício com os outros irmãos. Mas não durou muito tempo a emenda, pois, ao terceiro dia, voltou ao seu antigo costume de abandonar a companhia dos irmãos durante o tempo da oração. O superior do mosteiro, constituido Abade por Bento, deu-lhe notícia do que se passava. Respondeu-lhe o servo de Deus: — Deixa que eu lá irei e havemos de o emendar.

Veio com efeito, e à hora do ofício, foi com os irmãos ao côro.

(1) «Diálogos» — Cap. IV.

Acabada a salmódia, os irmãos entregaram-se como sempre à oração. Bento notou que, nesta ocasião, um rapazito negro puxava pelo hábito do dito monge. Depois da oração, perguntou a Pompeiano, abade do Mosteiro, e a Mauro, servo de Deus: — Não vistes quem arrastava o monge para fora do côro?

Responderam: — não vimos nada.

— Oremos então, replicou Bento, para que vós também possais ver a quem o monge segue. Depois de terem orado dois dias, Mauro viu, Pompeiano, êsse, não conseguiu ver.

No dia seguinte, terminada a oração, saiu o homem de Deus do oratório e encontrou fora o monge. Pegou numa vara e castigou-o com ela, por causa da cegueira do seu coração.

E desde aquele dia não sofreu o monge mais tentação alguma daquele rapaz negro, antes permanecia sempre imóvel, durante o tempo da oração. De modo que o antigo inimigo, como se fôsse o castigado pela vara de Bento, não ousou daí em diante tentar mais aquele monge. Castigo severo? — E' que a ternura de Bento, precisamente porque era tôda de Deus, não excluía a firmeza.

— Desta sorte fez Bento saber a todos os seus filhos espirituais o grande conceito em que tinha a «obra de Deus» — o Ofício Divino — e a oração puramente mental, êsse cultivar em nós o espírito

de oração, único capaz de fazer do monge o verdadeiro adorador «em espírito e em verdade» que é por vocação.

Bento faz brotar no cume dum
monte uma fonte abundante (1)

O homem de Deus fez partilhar certa vez o pequenino Plácido do segredo da sua oração, e assim ficaria sempre gravada no espírito do discípulo esta lição admirável sôbre a eficácia da oração. Acontecia que «três dos mosteiros edificadas por Bento estavam lá muito alto sôbre os rochedos dos montes. Tôdas as vezes que os monges precisavam de água, tinham de descer todo o monte através de grandes perigos, para a virem buscar ao lago. Vieram então as três comunidades juntas ter com o servo de Deus, e um monge disse em nome de todos: — E' trabalho muito difícil ter-se de descer todos os dias ao lago por causa da água; parece-nos pois mais conveniente construir os mosteiros noutro lugar. Bento consolou-os com palavras afáveis e meigas e mandou-os embora, — pois a todos recebia com afabilidade, nobres e plebeus, familiares e estranhos. Nessa

(1) «Diálogos», Cap. V.

mesma noite subiu ao monte com o pequeno Plácido, de quem já falámos, e aí orou por muito tempo. Terminada a oração, pôs três pedras sôbre um rochedo em certo lugar, como sinal, e regressou ao mosteiro, sem que nenhum dos outros monges tivesse conhecimento do que se passara. No dia seguinte voltaram os irmãos dos três sobreditos mosteiros a pedir água a S. Bento. E este então respondeu-lhes: — Ide, e onde encontrardes três pedras juntas sôbre uma rocha cavai um pouco, que omnipotente é o Senhor para fazer brotar água no cume do monte e livrar-nos assim do trabalho de tão longo e difícil caminho. Fôram à rocha que Bento lhes indicou e encontraram-na já muito humedecida. Cavaram um pouco por perto e imediatamente começou a brotar água em tal abundância, que ainda hoje desce lá do cimo até cá abaixo, à falda do monte».

Uma fouce caída no lago vem
juntar-se de novo ao cabo (1)

Se é certo, como já vimos, que o santo Patriarca dava grande importância à «obra de Deus» e à oração privada, não é menos certo que pres-

(1) Diálogos — Cap. VI.

crevia com energia o trabalho, que queria acomodado às aptidões de cada qual e, sobretudo, cumprido sob o olhar de Deus e animado e enobrecido pela fé.

«Por êste tempo veio ao mosteiro um godo pedir que lhe vestissem o hábito de monge. Bento acedeu com gôsto à petição. E um dia deu ordem que entregassem ao neo-converso um instrumento chamado *falcastro*, muito parecido com a nossa fouce, e que lhe mandassem cortar as silvas, que cresciam junto do lago, para se fazer daquele bosque um quintal.

Obedeceu o godo, e começou a cortar silvas e arbustos com quanta fôrça podia. Mas de repente separou-se-lhe o instrumento de ferro do respectivo cabo, e foi cair nas águas do lago.

Era êste tão fundo, e estava tão cheio de água, que não havia esperanças de recuperar o falcastro. O godo então, trémulo e aflito por causa do desastre, veio ter com Mauro, contou-lhe o sucedido, pediu perdão, humilhado, e esperou a penitência da sua falta. (1) Mauro foi logo contar o caso ao servo de Deus. Bento, ao ter notícia do sucedido,

(1) S. Bento adaptou a antiga tradição monástica, segundo a qual, *em virtude do voto de pobreza* que os monges fazem, se algum dêles quebra ou perde qualquer objecto, deve acusar-se logo dessa falta material, ainda que não tenha havido negligência da sua parte.

levantou-se sem demora, dirigiu-se ao lago e, pegando no cabo, pousou-o sôbre as águas. ; O' maravilha! Quási no mesmo instante, a fouce saindo das profundezas do lago, veio juntar-se ao cabo. Bento entregou o instrumento ao godo e disse-lhe carinhosamente: «Aqui tens, trabalha e não te entristeças».

Aqui se vê como S. Bento não fazia «accepção de pessoas» na sua família espiritual, pois que acolheu com alegria êste filho do povo, como antes acolhera os fidalgos Mauro e Plácido.

E é de notar também a pressa com que êle veio e o carinho que êle demonstra por êste godo tão simples. E sobretudo é digna de menção essa pequenina frase com que termina a narração de S. Gregório: «trabalha e não te entristeças.». O trabalho e a alegria assim associados são na verdade os sinais iniludíveis da saúde e da santidade da alma.

Mauro anda sôbre as águas (1)

Nesta «escola do serviço do Senhor» que era Subiaco haviam de ser frequentes as provas de amor dos filhos, e naturais as demonstrações exteriores da humildade interior dêstes bons monges.

(1) Diálogos — cap. VII.

Não podiam deixar de brilhar na obediência pronta, generosa, tôda amor, que ela é a pedra de toque do verdadeiro espirito religioso.

Vamos surpreendê-los em flagrante: — Um dia (conta S. Gregório) em que o venerável Bento estava na cela, foi o santo jovem Plácido buscar água, mas como tivesse pouco cuidado em colocar a vasilha, caiu ao lago e foi levado pela fôrça da água e introduzido na profundidade do lago com a rapidez duma seta. O homem de Deus teve logo conhecimento do facto; chamou Mauro e disse-lhe: Mauro, corre, porque o menino que foi buscar água, caiu ao lago, e já a fôrça da água o leva longe.

; Coisa admirável e nunca vista depois do Apóstolo S. Pedro! Pediu a bênção, e com ela se foi imediatamente cumprir a ordem do pai espiritual. Chegado ao lugar onde Plácido estava a ser arrastado pelas águas, continuou veloz na sua carreira, como se pisasse terra, e, segurando no menino pelos cabelos, livrou-o do perigo. Ao chegar a terra, Mauro olhou para traz e viu que tinha andado sôbre as águas.

Admirou-se do facto mas não o sabia explicar. Regressaram ao mosteiro e informaram Bento do que tinha sucedido. O santo homem explicava o caso, não pelos seus méritos, mas pela obediência do discípulo. Ao contrário, Mauro, attribuia-o sòmente à virtude do império de Bento, alegando

que, se andou sôbre as águas, foi inconscientemente e sem o advertir.

No meio desta amigável disputa de mútua humildade, Plácido, constituindo-se juiz da questão, disse: — Quando eu era arrastado pelas águas vi sôbre a minha cabeça a manga do hábito (1) do Abade e observei que me dava a mão e me afastava das águas.

Note-se aqui o à-vontade com que os discípulos se entreteem com o Mestre, como de filhos para pais, com ternura, com simplicidade, com confiança, embora com respeito.

É' êste espírito de família, que surpreendemos nesta scena, uma das características da Ordem que S. Bento fundou. E é êste um dos traços mais insinuantes da fisionomia do santo Fundador. Na verdade êle soube sempre aliar à majestade e à gravidade que causam a nossa admiração, uma bondade e uma simplicidade, que cativam o nosso coração, inspirando-nos confiança e amor filial, e incitando-nos a imitar as suas virtudes, pois que êle se nos apresenta tão acessível nestes passos em que o vemos praticar, com tanto espírito cristão, virtudes que nós todos, não só podemos, mas devemos imitar na nossa vida.

(1) O texto fala no «melote», antigo hábito religioso, mas S. Bento já não se refere a êle na Regra.

Eram tais as virtudes dêstes santos religiosos, e de tal sorte irradiaram por tôda a parte, que «todos aqueles lugares vizinhos da gruta de Subiaco iam crescendo no amor de Jesus Cristo, e muitas pessoas deixavam a vida secular e sujeitavam a cerviz do seu coração ao jugo suave do Redentor.»

O santo é perseguido

«Porém os maus téem sempre inveja da paz que disfrutam os bons, dessa paz que êles não podem alcançar.

E assim succedeu que um presbítero da Igreja vizinha, chamado Florêncio, tio-avô de Florêncio, subdiácono de S. Gregório Magno, perseguido pela malícia do antigo inimigo, começou a ridicularizar os bons desejos do santo homem, a difamar o seu nome, e a persuadir a quantos podia, que não o visitassem. Vendo que não tirara nenhum fruto dos seus intentos, e que, antes pelo contrário, ia crescendo a fama do santo homem, e muitos eram chamados a melhor vida pelo exemplo das suas virtudes, ardia cada vez mais em chamas de inveja e ódio, porque ambitionava a fama de virtuoso, sem querer levar uma vida santa e aplicada ao cultivo das virtudes e boas obras. Cego de inveja, deixou-se dominar por essa paixão a tal ponto que

chegou a mandar ao servo de Deus omnipotente um pão envenenado.

Bento recebeu-o e agradeceu-o, apesar de saber a peste que nele vinha oculta.

À hora da refeição veio, como de costume, um corvo do bosque vizinho receber o alimento da mão do servo amado de Deus. Bento atirou logo ao chão o pão envenenado, que o tal presbítero lhe enviara, e deu à ave a seguinte ordem: — Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo mando-te que pegues neste pão e o leves a um lugar onde ninguém o possa encontrar. Ao ouvir estas palavras, o corvo abria muito o bico, esvoaçava em volta do pão, e crocitava, como a manifestar o desejo de cumprir a ordem, que, doutra parte, lhe era impossível executar.

Segunda vez o mandou o homem de Deus, dizendo: anda, leva-o sem medo a um lugar onde não possa ser encontrado. Por fim o corvo mordeu o pão, levantou voo, e lá foi. Daí a três horas regressava para receber de Bento a costumada ração. Vendo o venerável Abade que o ânimo do sacerdote ardia em ira contra a sua vida, mais se condoía dele que de si mesmo. Florêncio, vendo que não conseguia tirar a vida corporal ao Mestre, intentou arrebatá-la da alma dos discípulos. E para tal introduziu na cêrca do convento sete jovens inteiramente despidas, as quais estendiam as mãos umas

às outras e dansavam impudicamente diante dos discípulos de Bento, para os excitar à concupiscência.

O santo homem estava a ver da cela o que se passava, e, como temesse a queda dos discípulos ainda muito jovens, e sabendo, doutra parte, que aquela perseguição era principalmente dirigida contra a sua pessoa, reuniu os irmãos e, depois de fazer as suas advertências aos que constituiu prelados, tomou consigo alguns monges e retirou-se daquele lugar. E assim terminou com a inveja de aquele mau presbítero.

Em breve porém Florêncio recebeu o castigo da sua culpa, castigo terrível, sim, mas ao mesmo tempo exemplar.

Com efeito, estando no limiar da porta, ufano e contente por ter feito sair daquela região ao servo de Deus, de repente desabou a parte do edificio onde estava sentado o inimigo de Bento, ficando intacto o resto da casa, tendo o desgraçado ficado sepultado por entre os escombros. Ainda Bento não tinha andado dez milhas, quando um dos discípulos, Mauro, lhe veio anunciar o caso, dizendo: — Volta para trás, porque já morreu o inimigo que te perseguia.

Ao ouvir isto, o servo de Deus entristeceu-se muito e chorou, tanto por causa da morte do ini-

migo, como pela alegria do Mauro, que lhe annunciara o successo.

E impôs ao discípulo uma grave penitência por ter manifestado certa alegria pela morte de tão grande inimigo, por esta infidelidade à lei do amor.

¡E que bondade a de S. Bento, que não só perdoa a ofensa, mas chora a morte do seu grande inimigo!

IV

A montanha santa

(Monte Cassino)

Bento, conquanto agora pudesse voltar para Subiaco, por ter desaparecido êsse terrível inimigo, resolveu, em obediência a uma santa inspiração, prosseguir no seu caminho. E lá foi. Costeou os Abbruzzes e caminhou através dessa alegre Campânia, onde a natureza é luxuriante, o sol brilhante e a atmosfera morna.

Mas Bento não pararia na planície. Seguindo pela «*Via Latina*», que vai de Roma a Nápoles, aí a meio do caminho começou a ascensão duma montanha densamente arborizada — era o Monte Cassino. A meio ficava a velha cidadela fortificada de *Cassinum* e no cimo dessa montanha de três milhas de altura havia um templo dedicado a Júpiter.

«Em volta dêsse templo havia uns bosques consagrados ao demónio, a quem a louca multidão oferecia sacrifícios.

Chegado que foi a êste lugar, o servo de Deus derrubou o altar e incendiou os bosques vizinhos; no templo de Apolo erigiu um altar a S. Martinho;

no altar da falsa divindade construiu um oratório dedicado a S. João Baptista, e applicou-se com fervor à prègação, para chamar à verdadeira fé o povo das vizinhanças».

Predestinado para vir a ser uma montanha de Cristo, o Monte Cassino era nesse tempo um lugar satânico, de sorte que tinha razão S. Gregório, quando dizia: «o santo homem, com mudar de lugar, não mudou de inimigo, porque depois teve de sofrer tantos combates quantos a malícia pôde encontrar para o atacar abertamente».

Corria (ao que se crê) o ano de 529; reinava Justiniano e pontificava o Papa Felix IV. Bento andava então entre os 48 e os 49 anos de idade. Estava no vigor da vida e certamente na maturidade da santidade...

* * *

Deitemos agora os olhos para trás, rapidamente, na recordação da vida anterior do santo patriarca.

Também nós veremos nele como Pedro, diácono do Papa S. Gregório Magno, ora Moisés, no facto de fazer brotar água das pedras; ora Eliseu, no milagre da fouce que veio do fundo do lago; ora S. Pedro — ou mesmo Cristo — no firmar as águas sôbre as quais o discípulo correu como se fôsse em terra. Nele recordamos Elias, naquele

passo em que ordena ao corvo que leve para longe o pão envenenado; nele, finalmente, recordamos David, no momento em que chorou a morte do seu grande inimigo.

Realmente impõe-se a conclusão que o dito diácono Pedro tirou e que a Igreja subscreveu:

— *«este homem foi cheio do espírito de todos os justos»*.

E' que êle, como diz S. Gregório, «não teve senão um só espírito com Deus».

Depois desta tentativa de frisarmos, aqui e além, os traços mais salientes da fisionomia moral de Bento, tentar-se há também, de passagem, para satisfazer uma santa curiosidade, pintar com dois traços leves, a imagem física do homem de Deus, dada a interdependência do moral e do físico.

Pelas dimensões das santas relíquias, que seus filhos espirituais possuem, vê-se que Bento era um homem alto e bem proporcionado. Os traços físicos correspondentes aos morais que S. Gregório traça nos seus «Diálogos» seriam êstes:— os traços bem vincados dum tipo romano puro, espiritualizado pelo ascetismo.

A grande barba patriarcal, que era da tradição, dá ao todo um não sei quê de gravidade e de doçura.

Neste rosto descobre-se logo, à primeira vista,

o másculo vigor da vontade forte, e o soberano poder dum génio perfeitamente equilibrado. Ao iluminar êsse rosto viril e meigo, grave e dôce ao mesmo tempo, uma irradiação da paz celeste, fruto da alta contemplação em que a sua alma vive absorta, — uma alma que só deseja agradar a Deus.

E, a espelhar a alma, dois olhos vivos e profundos, cuja penetrante suavidade subjuga, cativando-os, os corações mansos, e, ao mesmo tempo, domina as ferocidades dos maus que suportam o seu brilho estranho.

Uma figura tão majestosa, de traços tão belos, não podia deixar de tentar, como tentou, muitos pintores de todos os tempos, pois são muitos os retratos célebres de S. Bento.

* * *

Ao que parece a montanha santa foi doada ao grande Patriarca. Êle na verdade procede como senhor dela. Segundo uma tradição, que parece confirmada, ter-lhe ia sido doada por Tertúlio, pai de Plácido, na mesma ocasião em que lhe foi oferecer o filho a Subiaco.

Mas Bento não veio só para destruir. Veio sobretudo para edificar. E para fazer obra sólida e duradoira começou a construir a cidadela monástica onde houvesse tudo o que bastasse à vida dos

seus monges, para êles não terem necessidade de vaguear cá por fora. Aí occuparia lugar de destaque a igreja, a basílica do mosteiro, que o santo homem dedicou a S. Martinho, de que era devoto desde a adolescência.

O venerável Abade morava no alto duma tôrre, resto da antiga fortaleza romana. O 1.º andar desta tôrre estava ao nível da basílica e no 2.º é que êle tinha a sua pequena cela, onde escreveu os últimos capítulos da sua Regra.

O architecto era por certo o próprio Bento, como se pode depreender dum episódio interessante, que conta S. Gregório :

— O mosteiro do Monte Cassino estava então no apogeu.

A sua fama crescia e espalhava-se por tôda a parte.

Todos veem procurar os monges e muitos os querem nas suas terras.

E assim aconteceu (1) que « certo cavalheiro pediu a Bento que mandasse alguns discípulos a umas terras que possuia junto à cidade Terracinese, para aí ser construido um mosteiro.

« Acedeu o santo ao pedido e mandou alguns monges, nomeando um Abade e um Prior para a fundação.

(1) Diálogos — cap. xxii.

«Ao despedir-se, disse-lhes: — «Ide, que eu lá irei depois para vos mostrar o lugar que convém para oratório, refeitório, hospedaria, e tudo enfim quanto é preciso construir.

«Recebida a bênção, partiram. No dia que Bento tinha marcado para ir lá, prepararam tudo o que lhes pareceu necessário para a recepção de tão venerável pai. Na noite anterior ao dia suspirado, apareceu o homem de Deus em sonhos ao que tinha nomeado Abade e ao Prior, e foi-lhes mostrando minuciosamente onde e como queria que fôsse construído o refeitório, o oratório e tudo o mais.

«Quando acordaram, contaram um ao outro o que tinham visto em sonhos. Mas, não acreditando na visão (1), esperaram o homem de Deus, que prometera vir naquele dia. Vendo porém que o santo nunca chegava, fôram ter com êle, muito tristes, e disseram-lhe: — «Pai, esperámos que viesses, como tinhas prometido, para nos mostrares o plano da obra e afinal nunca chegaste».

E Bento replicou: — Que dizeis, irmãos? Então eu não fui como vos prometi aos lugares, um por um? Ide, e assim como vos mostrei em sonhos, assim deveis construir o mosteiro.

(1) É um modo *muito raro e extraordinário* de conhecer a vontade de Deus, de sorte que é preferível desprezar sempre os sonhos.

Admirados do que ouviram, regressaram ao dito lugar e edificaram tudo como êle lhes tinha revelado».

* * *

Pela reconstituição que hoje se pode fazer, com vários elementos dêste grande mosteiro, vê-se bem a actividade do antigo eremita, do grande contemplativo da gruta, e o seu génio positivo e prático.

Bento era na verdade dotado dum grande génio organizador. A vida que êle quis organizar em Subiaco e no Monte Cassino era uma *vida de oração e de trabalho*. A vida activa e a vida de oração aham-se ali em harmonioso equilíbrio.

Vida de oração!

A oração era para S. Bento uma «obra de Deus», porque tende primária e directamente para a glória de Deus; obra primacial, portanto, «a que nada se deve antepor».

O Ofício divino é o elemento principal, embora não exclusivo, da vida monástica. E' que o Ofício divino é o maior dever da humanidade para com o seu Criador, dever que os monges cumprem religiosamente, para que se mantenha o equilíbrio entre o império do céu e o da terra, equilíbrio perturbado pelo silêncio de tantos milhares

de bôcas, e destruído pelo pêso das iniquidades do mundo . . .

; Que grandeza a desta missão de intercessores oficiais que os monges receberam !

Por êles sobe para o céu a oração como um incenso ; e por êles desce do céu um orvalho rociante de graças de perdão e de bênção . . .

« S. Bento quis que a vida espiritual dos seus filhos fôsse sustentada com o alimento substancial dos salmos, dos hinos, dos cânticos e das leituras.

« E a « *lição divina* » e a « *meditação* » de que êle nos fala na Regra tinham indubitavelmente por objecto a preparação ou, para assim dizer, a ruminação do louvor divino : — a matéria da Liturgia lá estava.

E de resto « muitos mosteiros fôram logo no século seguinte deputedos pela Igreja para o exercício dêsse munus de intercessão.

« E o louvor divino, tal qual é cumprido num mosteiro beneditino, é, não se pense o contrário, um trabalho cruciante, um autêntico e eficaz instrumento de ascética, um pêso que mantém a alma humilhada aos pés de Deus, uma tarefa de que o escravo quotidianamente tem de se desobrigar ». (1)

(1) Revista « Opus Dei » — n.º 2 — Dezembro de 1928. — Bibliografia, (21).

Vida de trabalho!

Mas, se a cidade monástica é uma cidade de oração e de ascetismo, é também uma cidade de trabalho: — o Monte Cassino é a montanha santa onde todos trabalham.

Esta actividade é tão essencial à vida dos monges como a própria aplicação à oração. Basta ler as belas páginas dos «*Diálogos*» de S. Gregório Magno, para se tirar a conclusão de que, no Monte Cassino, o trabalho não era um simples passatempo pessoal, destinado a ocupar qualquer intervalo entre as horas do Ofício divino, mas, pelo contrário, uma árdua tarefa, realizada, as mais das vezes, em comunidade, isto é, em colaboração fraterna, e regulada pela obediência.

Esse trabalho é de variadíssimas espécies: ora o trabalho dos campos, ora o de construção ou de desbravamento; ora a recepção dos peregrinos e dos hóspedes, a educação das crianças, e, fora da abadia, o ministério, quer no cultivo das almas piedosas, quer no labor da conversão dos pagãos. Numa palavra: já no tempo de S. Bento se vêem quasi todos os géneros de actividade, a que os seus discípulos se dedicaram pelos tempos fora. Já atrás fizemos referência à diversidade do trabalho.

«Com o decorrer dos tempos, o género de trabalho evolucionou num sentido mais intelectual e,

sobretudo, mais sacerdotal. Mas a organização que repartia o dia e a vida do monge entre a oração e o trabalho, essa foi, é e será sempre o ideal para que tenderão todos os esforços».

«Ao instituir a abadia, para fazer dela uma escola de aprendizagem pessoal do serviço de Deus, o santo legislador organizou-a de modo a permitir-lhe o exercício duma influência social, não só pela oração, mas também pelas diversas actividades dos seus monges. E' uma organização de vida em que a oração, o ascetismo e o trabalho útil ao bem da Igreja e da sociedade se harmonizam maravilhosamente». (1)

* * *

Seria certamente no meio de grandes dificuldades que se faria a edificação da grande abadia do Monte Cassino, já porque muitos dos discípulos não estavam habituados a êste género de trabalhos; já porque os poderes ocultos opunham tenaz resistência, a ponto de ser precisa a cada passo a intervenção milagrosa do santo Abade Bento.

E não é para admirar, porquanto Bento tomou desde logo a ofensiva e o inimigo não deixou de

(1) D. Ryelandt — Essai sur la physionomie morale de Saint Benoît — pág. 44 e 45.

fazer das suas, com a permissão de Deus. E no seu furor gritava: «Bento, bendito, bendito!». E, como o homem de Deus não fizesse caso, êle prosseguia: «Bendito, não, maldito, porque me persegues?»

Quem conhece os fenómenos diabólicos da vida do cura de Ars, há pouco canonizado, não extranhará tais sinais de hostilidade da parte do demónio contra um tal gigante de santidade. E não há confusão possível destes factos com os da superstição popular ou com os duendes, etc., da Edade Média.

Três episódios

Êstes três episódios que vamos narrar são outras tantas vitórias do santo varão na luta contra o inimigo.

Primeiro, o episódio da pedra, (1) de que os monges tinham necessidade para a construção do novo mosteiro.

Não era um bloco de pedra extraordinariamente pesado; era uma pedra grande, sim, mas como tantas outras que êles teriam deslocado já para o mesmo fim. Esta, porém, parece que tinha raízes na terra. Ninguém a mexia do lugar. Isto

(1) Diálogos — cap. ix.

dava a entender que sôbre ela estava sentado o demônio, a quem as mãos de muitos homens juntos não podiam mover.

Em face disto, fôram contar o facto ao homem de Deus e pediram-lhe que viesse, para, com a sua oração, expulsar o demônio, a fim de que assim êles pudessem levantar a pedra e continuar a trabalhar.

Bento veio logo e, depois de orar uns instantes, fez o sinal da cruz sôbre a pedra, que foi removida imediatamente como se não tivesse pêso algum.

Doutra vez foi um incêndio fantástico na cozinha. (1) Foi o caso que «os monges começaram a cavar a terra, na presença do homem de Deus. E, depois de terem chegado a certa profundidade, encontraram um ídolo de bronze e levaram-no para a cozinha. Quando menos esperavam, viram que pela chaminé saía fogo com tal intensidade, que parecia que iria arruinar o edifício dentro em pouco. Alarmados e admirados com tal, começaram logo a deitar água no lugar do incêndio para o apagarem. O servo de Deus ouviu grande tumulto e veio ver o que se passava.

«Observando porém que não via fogo nenhum

(1) Diálogos — cap. x.

onde os irmãos o viam, fez uma breve oração e mandou aos irmãos, assustados por aquele fogo fantástico, que fizessem o sinal da cruz sobre os olhos. Cumprida a ordem, viram que não havia fogo algum e que o edifício estava perfeitamente intacto, e assim ficaram persuadidos de que tudo fôra ilusão do inimigo.»

Mas o demónio não descansa nem perdoa. E assim «enquanto os irmãos construíam uma parede, (1) muito alta (que assim o exigia a obra) e o servo de Deus se entregava à oração, apareceu o demónio a êste e disse-lhe com ar provocador: «Vou agora mesmo importunar os monges que estão a trabalhar.» O homem de Deus enviou logo um mensageiro para prevenir os trabalhadores: — «Acautelai-vos, irmãos, porque o demónio vai ter convosco.» Mal o mensageiro acabara de dizer isto, já o espírito maligno derribava a parede que tinham construído, e sepultava no meio das suas ruínas um monge, filho dum oficial imperial. Ficaram todos vivamente contristados e aflitos, não com a derrocada da parede mas com a morte do irmão, e fôram imediatamente, com grande dor, anunciar o caso ao venerável pai Bento. Êste mandou-lhes que trouxessem o cadáver à sua presença.

(1) Diálogos — cap. x.

«Tal era o estado do defunto, que só pôde ser trazido envolto numa espécie de capa militar grosseira, pertença de qualquer postulante. A parede caída não só lhe tinha esmagado os membros mas até os ossos. Bento mandou colocar o corpo do defunto sôbre uma esteira, onde se costumava ajoelhar para rezar, e disse aos irmãos que se retirassem. Fechou a cela e começou a orar com o fervor costumado. Coisa admirável! Aquele monge com cuja morte o demónio pensava insultar a Bento, daí a pouco tempo foi, por ordem do santo, são e robusto como antes, continuar o trabalho, e ajudar os irmãos a levantar de novo a parede.»

Estes três episódios bastam para legitimar a tradição, constantemente mantida até nós de se invocar especialmente o glorioso Patriarca para nos livrar dos embustes e malefícios do demónio. Daí a devoção tão espalhada à medalha de S. Bento. (1)

Espírito de profecia

Mas ainda veremos coisas mais admiráveis. E não só isso como também novos traços da fisionomia moral tão interessante, tão grande, tão complexa d'este homem venerável.

Bento, em tôda a parte impunha respeito, e

(1) Veja-se o livrinho — *A Medalha de S. Bento*. Edição da «Opus Dei», Braga.

tinha sôbre todos um ascendente irresistível, aliás sempre misturado com uma bondade e uma condescendência, que lhe atraíam tôdas as simpatias.

Duma vez «constou ao rei dos godos (1) que o santo homem tinha o dom de profecia. Quis averiguá-lo. Para isso tomou o caminho do mosteiro, e, parando a pouca distância, enviou um mensageiro a Bento a anunciar-lhe que o rei Tótila ia fazer-lhe uma visita. A resposta foi que podia vir quando quisesse. A intenção de Tótila era má, pois queria examinar se era certo o que de Bento se dizia e para isto deu a Rigo, capitão do seu exército, os seus sapatos, cingiu-o com as vestes reais e enviou-o a Bento, naquele disfarce, a fingir que era o próprio rei. Mandou com o dito Rigo três outros vassallos seus: Vulterico, Ruderico e Blindino, e ordenou-lhes que fingissem de vassallos e andassem ao lado de Rigo a prestar-lhe os mesmos serviços e homenagens que se prestam à pessoa dum rei, para que o servo de Deus pensasse que aquele era o próprio rei, não só pelas vestes, mas também pelo cortejo real. Chegou Rito ao mosteiro com tôda esta pompa e comitiva. O servo de Deus nem desceu para o receber, nem se levantou do lugar onde estava sentado. Deixou que se aproximasse e, quando viu que a sua voz podia ser ouvida, dirigiu-se a Rito nestes têrmos: — «Deixa, fi-

(1) Diálogos — cap. xiv.

lho, deixa isso que trazes, porque não é teu». Caiu imediatamente Rigo por terra, com os companheiros, e ficaram todos corridos de vergonha por terem enganado um homem tão santo. Levantaram-se e não tiveram coragem de se aproximar de Bento. Voltaram para junto do rei e contaram-lhe como tão depressa tinha sido descoberta a fraude.»

«Depois disto veio o rei Tótila em pessoa (1) visitar o homem de Deus. E ao ver lá de longe Bento sentado, não ousando aproximar-se, prostrou-se por terra. Mandou-lhe o homem de Deus por duas vezes: «Levanta-te», mas Tótila não ousava obedecer.

«Então Bento, servo de Jesus Cristo, abeirou-se do rei, levantou-o, censurou as suas acções e, em poucas palavras, predisse tudo o que lhe havia de suceder, dizendo: «Fizeste muito mal, cometestes muitas faltas; já é tempo de mudares de vida. Entrarás em Roma, atravessarás o mar, reinarás ainda nove anos e depois morrerás.» O rei ouviu a tremer tôdas estas coisas e, pedindo a bênção, retirou-se, e desde então mudou de vida, pois não se mostrou tão cruel como antes».

E succedeu tudo como S. Bento previu e como o confirma S. Gregório Magno, que assistiu

(1) Diálogos — cap. xv.

à realização destas profecias. Êste encontro do santo varão, cheio de majestade e de paz com o terrível chefe bárbaro a seus pés como um cordeiro, é cheio de simbolismo. Nesta scena podemos ver a obra futura dos filhos espirituais de S. Bento, que irão por tôda a parte desbravar essas naturezas bárbaras e rudes, e transfigurá-las sob o jugo suave da lei do Amor.

Desprendimento e confiança

Mas ainda podemos surpreender o grande Patriarca na *independência absoluta do seu espírito com relação a tôdas as coisas dêste mundo*.

«No tempo em que a Campânia era atormentada pela fome, (1) o homem de Deus dava tudo o que tinha no mosteiro aos que lhe vinham pedir esmola. Um dia já não havia senão um pouco de azeite numa garrafa. Veio ao convento um subdiácono, chamado Agapito, e pediu com instância que lhe dessem um pouco de azeite. O homem de Deus, que tinha resolvido dar tudo o que tinha na terra, e reservar a sua herança para a glória, mandou-lhe entregar o pouco que havia. O mórdomo ouviu a ordem, mas não obedeceu. Daí a algum tempo perguntou o santo se tinham dado ao pobre

(1) Diálogos — cap. xxviii.

o que êle mandara. Respondeu-lhe o dito monge que não, porque, se se desfizesse daquele pouco, ficavam os irmãos sem nada. Irritado (por causa desta desobediência e desconfiança da Providência Divina) mandou a outro monge que atirasse imediatamente a garrafa do azeite pela janela fora, porque não queria que houvesse coisa alguma no mosteiro, que se opusesse à obediência. Fizeram o que êle mandou. A janela era muito alta e, debaixo dela, só havia pedras. A garrafa foi cair nesse terreno pedregoso, mas ficou tão direitinha como se não tivesse caído, e o azeite, que continha, não se entornou, como se estivesse cuidadosamente guardado. Mandou então o servo de Deus que a fôsem buscar e que a dessem a quem a pedira. E reunindo os irmãos repreendeu diante de todos aquêle monge desobediente, infiel e soberbo».

«Terminada a repreensão, (1) entregou-se com os irmãos à oração. No lugar onde agora oravam havia uma pipa de azeite, vazia mas bem arrolhada. Enquanto o servo de Deus orava, a pipa começou a encher-se de azeite e a rolha começou a levantar-se. Era tanto o azeite, que já não cabia na vasilha e inundava o pavimento. Bento, ao ver isto, terminou a oração, e o azeite parou de correr.

(1) Diálogos — cap. XXIX.

Então mais uma vez repreendeu o monge infiel e desobediente, para que aprendesse a ser humilde e obediente. Ficou o monge confuso e envergonhado, ao ver que o venerável Bento comprobava com milagres o poder de Deus, que primeiro lhe tinha declarado com conselhos. Desde então ninguém mais duvidou das suas promessas, pois dum instante para o outro encheu de azeite uma pipa vazia».

S. Bento é sempre duma intransigência absoluta, tôdas as vezes que está em foco a causa de Deus: — não hesitou perante uma medida extrema, como foi a de mandar deitar fora o azeite da desobediência.

Mas não se diria tudo se se focasse só este aspecto, pois tôdas as vezes que a causa de Deus ou a vocação monástica não estão em jôgo, então é ver como preside a tôdas as suas decisões e conselhos a moderação mais perfeita.

Era grande na verdade a sua confiança em Deus e veremos mais uma vez que não foi nunca desmentida pelos factos;

— Estava-se ainda nesse período de fome. « Já faltava o trigo (1) no mosteiro de Bento. Tinham-se gasto todos os pães e só restavam cinco

(1) Diálogos — cap. XXI.

para a refeição dos monges. Notando o venerável Pai que estavam todos tristes, fez-lhes uma modesta advertência, corrigindo-os pela sua pusilanimidade e animando-os a sofrer com paciência aquela provação de Deus, com estas palavras: — «Porquê se entristece o vosso coração pela falta de pão? Hoje há pouco, é verdade, amanhã porém tereis pão em abundância.

«No dia seguinte encontraram à porta do mosteiro duzentos sacos de farinha, que Deus enviou ali para socorrer aquela necessidade, sem que até hoje se tenha podido saber quem os levou.

«Os irmãos, ao verem isto, deram graças a Deus e aprenderam daí para o futuro a não duvidar da Providência nem na pobreza, nem na abundância.»

Escreveu uma Regra para monges

! Que importância a dêste primeiro mosteiro do Monte Cassino, edificado certamente segundo um plano já maduramente concebido em Subiaco, como o quadro indispensável ao pleno desenvolvimento da vida monástica!

Mas maior, muito maior do que êle, seria êsse outro monumento admirável que aí foi erguido, ou ao menos terminado — a Regra de S. Bento. E, se aquele edifício material, que S. Bento construiu e a que queria tanto, estava destinado a ser destruí-

do (embora se reconstruisse depois várias vezes) como êle predissera a Teóprobo (1), varão santo, e como realmente o foi pelos lombardos quarenta anos depois da morte de S. Bento; — o outro monumento, a Regra, êsse, nada o destruiria, que ainda hoje está cheia da pujança da mais viçosa mocidade, ela que conta já quatorze séculos de existência!

Diz S. Gregório Magno que «se alguém quiser conhecer melhor a vida e costumes de S. Bento, pode encontrar na sua Regra tôdas as acções da sua vida, porque êste santo homem não podia ensinar duma maneira e viver doutra».

Com efeito na Regra encontram-se, não só a incarnação do ideal do santo Patriarca, como até os melhores traços da sua fisionomia moral, sobretudo nos capítulos — dois e sessenta e quatro — em que êle fala do Abade e, insensivelmente, se pinta a si mesmo.

Essa Regra, «que havia de ser a norma de vida dos seus monges, o instrumento providencial de que Deus se serviria para a conversão dos povos bárbaros, o código em que se inspirariam outras Ordens e Congregações religiosas, e na qual a sociedade actual pode ainda encontrar os princípios basilares da reconstituição das famílias e das

(1) Diálogos — cap. xvii.

nações», foi e é muito notável pela sua descrição, que é, no dizer de S. Bento, «a mãe de tôdas as virtudes».

A Ordem de S. Bento

Se é pelos frutos que se conhece a árvore, basta recordar, de passagem, algumas benemerências da Ordem de S. Bento e algumas cifras eloquentes:— sob o jugo suave dessa Regra militaram 62 Papas (25 dos quais canonizados) mais de 200 Cardiais, 25 Patriarcas, 1.600 Arcebispos, 46.000 Bispos, 7 Doutores da Igreja, 21 Imperadores, 26 Imperatrizes, 42 Reis (doze dos quais canonizados), 45 Rainhas (18 das quais canonizadas) 4.500 Príncipes e, pelo menos, 50.000 Santos!...

Logo depois da morte de S. Bento começaram os seus filhos espirituais a espalhar-se pelo mundo todo.

Converteram a Grã-Bretanha, por intermédio da prègação de S.^{to} Agostinho de Cantuária e dos seus companheiros; S. Bonifácio levou à Alemanha a luz do Evangelho; S. Pirmino à Suábia; S. Wilibrordo à Frísia; S.^{to} Adalberto à Dinamarca; e à Península Escandinávia, S.^{to} Ansgário... etc, etc. Cultivaram não só as almas mas também a terra — com a cruz e o arado. E depois, através de muitas vicissitudes e das manchas de que ne-

nhuma obra humana está isenta (mas quão pequenas em relação aos benefícios incomensuráveis!) — fôram-se espalhando pelas cinco partes do mundo.

Mas o que prova mais eficazmente, como diz um autor moderno, a sabedoria sobreumana desta Regra, é a abundância e a variedade dos frutos que produz.

Na verdade, os filhos de S. Bento fôram lavradores e poetas, missionários e copistas, oradores e contemplativos, bemfeitores dos pobres e conselheiros dos reis, etc., etc. ; E a diversa actividade das abadias?!

; E que variedade de almas nestes inúmeros claustros, vivificadas tôdas pelas doutrinas do santo Patriarca! — Lutadores intrépidos, sábios doutos, pontífices zelosos, génios enciclopédicos, mártires da fé, místicos deliciosos, historiadores, liturgistas e virgens...

Ainda hoje se pode avaliar da pujança que goza a Ordem de S. Bento. Basta recordar, de passagem, a obra esplêndida da conversão dos Orientais; essa outra obra de « paciência beneditina » que é a revisão crítica da Vulgata, ou essa outra ainda da edição dos livros de canto gregoriano — tudo empreendimentos de fôlego, com que os Papas teem honrado os filhos espirituais do grande Patriarca.

A Ordem de S. Bento comprehende actualmente 15 Congregações com perto de 200 mosteiros e 10.000 monges. Não entram nesta conta as monjas que passam de 13.000, nem os diversos ramos que seguem a Regra de S. Bento, mas não fazem parte propriamente da Ordem dos monges negros, como são: os Cisterciences, os Trapistas, os Cartuxos, os Silvestrianos, os Olivetanos, os Valumbrosanos, os Camáldulos, etc.

A Ordem é presidida pelo Dom Abade Primaz que reside na Universidade beneditina de S.^{to} Anselmo, em Roma. Cada Congregação é presidida por um Dom Abade Geral ou Arquiabade. Mas de facto cada mosteiro, quer seja abadia, quer seja apenas priorado conventual, goza de autonomia e constitui uma verdadeira família, com um superior perpétuo e os membros fixados na comunidade pelo voto de estabilidade.

* * *

¿ Mas quem não conhece em Portugal os filhos de S. Bento, uma das Ordens mais prósperas e mais ricas? Quer seja Lorvão o primeiro mosteiro (fundado em 537 ou 543?) em terras que haviam de ser portuguesas, quer não, o certo é que os filhos de S. Bento se fixaram no território, que hoje é nosso, muito antes da fundação da Monar-

quia, e largos fôram os serviços materiais e espirituais, prestados ao nosso país, no arroteamento das terras, na cultura das letras, das artes e das sciências... que sei eu?

Ao tempo do esbulhamento das Ordens religiosas (1834) havia em Portugal muitos mosteiros. (1)

Hoje a árvore secular reverdece entre nós. E é sobretudo através da revista litúrgica «Opus Dei» (Rua Nova de Sousa 107, Braga) que nós conhecemos os continuadores dessa obra grandiosa, que oxalá cresçam e floresçam para glória de Deus e para bem da nossa Pátria amada.

* * *

Perdoe-se-nos esta digressão, que não deixa de ter interêsse no estudo desta grande figura de

(1) S. Martinho de Tibães, S.^{to} Tirso de Riba d'Ave, S.^{ta} Maria de Pombeiro, S. Salvador de Paço de Sousa, S.^{to} André de Rendufe, S. Miguel de Refojos de Basto, S. Salvador de Arnoia, S. Salvador de Ganfei, S. Martinho do Couto de Cucujães, S. Miguel de Bustelo, S. Salvador de Palme, S. Romão de Neiva, S.^{ta} Maria de Miranda, S. João Baptista de Cabanas — todos fundados antes do século XII; — e S. Bento de Lisboa, S. Bento de Coímbra, S. Bento do Pôrto, Nossa Senhora da Estrêla de Lisboa e o colégio de S. Bento dos Apóstolos de Santarém — todos fundados no século XVI. Ao todo — 19.

santo, que não é só do século VI, porque é de todos os tempos — e vamos continuar a narração e análise de novos episódios da sua biografia e novos traços da sua fisionomia.

¿O que seria a oração dêste grande contemplativo todo abismado num contínuo colóquio com Deus? Podemos surpreendê-lo uma vez mais num episódio muito interessante, que nos mostra o santo Patriarca a sair engrandecido da sua conversação com Deus. E' neste contacto misterioso e prolongado de Bento com Deus, no mais recôndito da alma, que se deve ir buscar a causa de tantas e tão admiráveis aptidões sobrenaturais, como o poder de ler nos corações, o de predizer o futuro e o de vencer o espírito do mal. S. Bento operava muitas vezes os seus milagres, por ternura, pela bondade do seu coração compadecido.

Bento ressuscita um morto (1)

«Um dia saíu Bento com os irmãos para o trabalho dos campos. Enquanto estava ausente, um lavrador, aflito, com uma criança morta nos braços, e derramando copiosas lágrimas, bateu à porta do mosteiro e perguntou por Bento. Trabalha no campo com os irmãos, foi a resposta. Imedia-

(1) Diálogos — cap. xxxii.

tamente depôs o cadáver do seu filho, e, deixando-o à porta do convento, oprimido pela dor, foi apressadamente procurar o homem de Deus. Bento já regressava do trabalho com os irmãos quando, a certa altura, ouviu uma voz que dizia :

— Restitui-me o meu filho; restitui-me o meu filho.

« Ouvindo isto, o homem de Deus parou e disse, admirado :

— ¿ Acaso roubei o teu filho? Responde então o lavrador; o meu filho está morto, vem depressa e ressuscita-mo.

« Entristeceu-se o servo de Deus por causa destas palavras, e disse :

— Retiremo-nos, irmãos, porque isto não nos pertence a nós, mas aos Apóstolos. — ¿ E' possível que nos imponham cargos tão pesados, com que não podemos?

« O lavrador, porém, aflito pela dor, persistia na petição, jurando que não se retiraria enquanto não visse o seu filho ressuscitado. Obrigado por tantas súplicas, a caridade pôde mais que a humildade e o homem de Deus perguntou :

— Onde está o defunto? — A' porta do mosteiro, respondeu o lavrador. Chegados ao mosteiro, Bento ajoelhou-se, depois deitou-se sobre o cadáver, levantou-se e, erguendo as mãos ao céu, exclamou : — Senhor, não atendaís aos meus pecados,

mas à fé dêste homem, que pede lhe ressuscite o filho. Restituí a êste corpo a alma que lhe tirastes.

« Mal acabou de pronunciar estas palavras, o corpo da criança começou a estremecer e a respirar à vista de todos os circunstantes. Então o santo tomou-o pela mão e entregou-o são e salvo ao aflito pai».

* * *

S. Bento gostava de orar de noite, perante a imensidade dos Céus.

Bento vê o mundo inteiro

num raio de sol (1)

« O diácono Servando, abade do mosteiro edificado no território da Campânia por um patrício, chamado Libério, foi um dia, como costumava, visitar o servo de Deus, Bento. Frequentava muito o convento do santo, desejoso de beber a doutrina e a graça celestial, que saíam da sua bôca, para que, entre doces colóquios sôbre a vida eterna, tomassem mùtuamente o alimento suave da pátria, de que ainda não podiam gozar perfeitamente, mas

(1) Diálogos — cap. xxxv.

pela qual já anelavam com suspiros. Estando êles entretidos nestas santas conversas, chegou a hora de recolher.

«Retirou-se Bento para a sua cela, que ficava na parte superior duma tôrre, deixando o seu hóspede numa cela do andar inferior, que comunicava com o superior por uma escadaria. Enquanto os monges dormiam, o homem de Deus velava, à espera de Matinas, encostado a uma janela, entretido a falar com o Deus omnipotente em fervorosa oração. Levantando os olhos ao céu, viu uma luz tão refulgente, que dissipava as trevas da noite e excedia a luz do claro dia. A esta visão seguiu-se um admirável prodígio, e foi que viu (como êle próprio contava) com os olhos corporais o mundo todo reunido num raio de sol. E enquanto tinha os olhos fixos naquela luz brilhante, viu que os anjos levavam a alma de Germano, bispo de Cápuia, num globo de fogo. Querendo ter uma testemunha ocular dêste prodígio chamou alto, uma, duas, três vezes, o seu hóspede Servando, o qual acordou perturbado e subiu à cela de Bento, mas só viu uma parte daquela luz.

«O homem de Deus contou tudo a Servando, que estava atónito à vista de tão grande milagre. Mandou-lhe então S. Bento que fôsse imediatamente à cidadela de Cassinum dizer a Teóprobo, homem virtuoso, que enviasse, naquela mesma

noite, um portador, a Cápua, a fim de saber o que tinha sucedido ao bispo Germano.

«Executou Teóprobo a ordem de Bento. Quando o mensageiro chegou a Cápua, já encontrou o Bispo morto; e, por informações, pôde saber que tinha expirado no mesmo instante em que Bento viu a sua alma subir ao céu».

Admirável, na verdade! E como poderá um homem ver o mundo inteiro num raio de sol? — «E' que tôdas as coisas criadas são pequenas para aquele que tem a dita de ver o Criador de tudo. Ainda que veja pouca luz do Criador, verá quão pouco é tudo o criado. . . . Enquanto brilhava aos seus olhos aquela luz, iluminava-lhe a mente uma outra luz interior que, elevando o seu espírito à contemplação das coisas celestiais, lhe fez ver quão pequenas são as coisas da terra».

Tal foi a oração de S. Bento, sublime e iluminada de claridades sobrenaturais. E em oração devia morrer, quem a orar viveu. A sua alma estava tão unida com o Senhor, que chegou a ponto de não formar senão um só espírito com Êle, a ponto de possuir como seu o próprio espírito de Deus.

«O ascendente de tôda a sua pessoa, como a dominante do seu carácter, foi essencialmente de

ordem religiosa», a sua alma era essencialmente contemplativa.

Fidelidade à observância

«Tinha o servo de Deus uma irmã chamada Escolástica, (1) consagrada a Deus desde a infância. Costumava ela visitar o irmão uma vez por ano. Bento recebia-a junto à portaria, numa herdade do mosteiro. Seguindo pois o tradicional costume, Escolástica foi visitar o irmão, que veio ao seu encontro acompanhado de dois discípulos. Passaram todo o dia ocupados em louvores a Deus e em santas conversações, e, ao aproximar-se a noite, tomaram algum alimento. Antes de se levantarem, Escolástica notou que já era noite cerrada pois o tempo tinha corrido veloz enquanto eles se davam a santos colóquios. Nisto, diz ela ao irmão :

— Bento, peço-te que não te vás esta noite e falemos dos gozos do Céu até ao amanhecer.

Bento, surpreendido com tais palavras, voltando-se para Escolástica, replicou : — Que dizes, irmã? De modo nenhum me é permitido passar a noite fora do mosteiro. (O seu amor de irmão se-

(1) Diálogos — cap. xxxiii.

gundo a carne e de Pai espiritual, não o faziam desviar do caminho do dever). Estava então o Céu azul, sem nuvens, e o ar sereno.

« Escolástica, ao ouvir as últimas palavras de Bento, juntou as mãos, uniu os dedos, e, inclinando sobre elles a cabeça, começou a orar. Quando ergueu a cabeça da mesa, sobreveio uma repentina tempestade de relâmpagos e trovões e uma chuva tão abundante, que nem Bento nem os irmãos, que o tinham acompanhado, podiam sair do ombral da casa.

« Durante o tempo em que Escolástica esteve com a cabeça inclinada a orar, derramou tanta cópia de lágrimas que já corriam pela mesa, e com elas pôde mudar a serenidade do ar em chuva.

« Nem um instante demorou esta a cair, desde que Escolástica principiou a oração, tanto que pareceram simultâneas a oração e a inundação, que logo se seguiu; de sorte que se pode dizer que foi um só acto o levantar a cabeça e o começar a chover.

« Vendo o homem de Deus que, com tantos relâmpagos, trovões e chuva, não podia regressar ao mosteiro, queixava-se dizendo: — Deus te perdoe, irmã, o que acabas de fazer? — Ao que ella respondeu:

— Pedi-te e não me quiseste ouvir; pedi ao

meu Senhor e êsse ouviu-me. Agora, deixa-me, se puderes, e regressa ao mosteiro.

«Sendo-lhe porém impossível dar um passo fora de casa, teve de ficar ali à fôrça, já que antes o não quis fazer espontâneamente.

«E assim empregaram todo o resto da noite em doces colóquios sôbre a glória do Céu e no dia seguinte regressou cada qual ao seu mosteiro», ela para o de «*Plumbariola*» (ou Pombalzinho) e êle para o Monte Cassino, não longe daquele.

! Que encanto se desprende desta delicada figura! As suas palavras estão cheias de uma ironia fina e duma ternura que captiva. E nessas súplicas, nesses desejos, vê-se o grande e confiado amor que ela tinha ao Espôso Divino. E' essa a sua característica.

S. Gregório também o diz: — «Pôde mais (do que o irmão) porque amou mais.» O amor não conhece medida, nem moderação.

Loucuras do amor divino!...

E' que aquela alma tôda de Deus pressentia já o fim próximo e que seria esta a última vez que falaria com o santo Patriarca. Por isso é que ela quis preparar-se para a viagem derradeira. E, na verdade, três dias depois, a 10 de Fevereiro, estando o santo à janela da sua cela, ergue os olhos ao Céu e viu a alma da irmã, saída do corpo, penetrar, em forma de pomba, no mais íntimo dos Céus.

Alegrou-se tanto com a glória da sua irmã, que prorompeu logo em hinos de louvor e acções de graças a Deus Omnipotente. Chamou então os irmãos, deu-lhes parte do falecimento de Escolástica e mandou que fôsem buscar o cadáver, o trouxessem ao mosteiro, e o depositassem no sepulcro, que para si próprio tinha preparado. E desta sorte succedeu que nem na morte se separaram os que na vida sempre fôram unidos em Deus.

* * *

Diz Ozanam que não há acontecimento nenhum de relêvo na história da Igreja em que a mulher não tenha a sua parte. É certo. Também não podia faltar agora. S.^{ta} Escolástica, irmã gémea de S. Bento e mãe e mestra das religiosas beneditinas, completa a obra do seu irmão e Pai espiritual. E que grande parte estas virgens teem nesta obra imensa de 14 séculos! ; E que grande influência directa e prática exerceram e exercem na sociedade! (para não falar senão dêsse aspecto). Nos seus mosteiros encontraram amparo os desprotegidos, asilo os peregrinos, carinhoso tratamento os doentes, educação e instrução as meninas... E' que elas fizeram durante muitos séculos *sòzinhas* (não o esqueçamos) de hospitaleiras,

de educadoras e até de missionárias, como as que acompanharam S. Bonifácio à Alemanha.

Zêlo pela observância

Falámos de exemplar fidelidade de S. Bento à observância monástica. Ora se êle era tão fiel à Regra também queria e exigia que os discípulos o fôsem.

Vamos surpreendê-lo neste seu zêlo pela observância que não deixava de temperar pela grande bondade que o caracterizava: — « Estava prescripto que, no caso de algum irmão sair a fazer qualquer coisa não comesse nem bebesse nada fora do mosteiro. Todos guardavam com sumo cuidado esta prescrição da Regra. Saíram um dia alguns irmãos e tiveram de se demorar bastante em serviço lá por fora. Uma virtuosa mulher, ao saber que êles ainda não tinham podido comer, por êsse motivo, convidou-os para jantar. Acederam ao convite.

« Era já muito tarde, quando chegaram ao mosteiro. Fôram, como era costume, pedir a bênção ao Santo Abade, que lhes perguntou: — ¿ Onde comestes? Responderam: — Em parte alguma. Replicou Bento: — ¿ Como ousais ocultar-me a verdade? ¿ Porventura não entrastes em casa de tal

mulher? E não comestes isto e aquilo? Não bebestes esta porção de vinho?

« Os irmãos, ao verem que o seu venerável pai lhes indicava com tanta precisão a casa da mulher, a espécie de comida e a quantidade de vinho, reconheceram que tinham obrado mal, lançaram-se aos seus pés e confessaram a sua culpa. O santo, como era bondoso, perdoou-lhes o pecado, advertindo-lhes que não fizessem nada contra a Regra, pois êle em espírito presenciava todos os seus actos ». (1)

O Santo Patriarca era muito cioso pela estrita observância e não tolerava infracções ao espírito de renúncia e de pobreza. Não admitiu que o mórdomo seguisse a sua própria vontade e desprezasse a do seu Superior, nem que um religioso se deixasse tomar de pensamentos de soberba e de murmuração interior e disse-lhe logo: — « Faz o sinal da cruz sôbre o coração ».

Mas êle não fazia isto por uma satisfação formalista de espírito meticuloso e miúdo, não. Se êle zelava assim a fidelidade à observância das prescrições da Regra, é porque esta era a seus olhos o meio por excelência para fixar a alma em Deus. Fora desta vida de união constante com o Senhor, tudo o mais era nada aos olhos de S. Bento.

(1) Diálogos, cap. xxii.

Morte de S. Bento

De todo êste esforço de reconstituição dos traços mais salientes da fisionomia de S. Bento, ficamos a impressão da grande majestade dos Patriarcas da Antiga Lei, iluminada pelos tesouros de graça da Lei do Amor.

Se a sua vida se passou envolta no recolhimento duma oração contínua, a sua morte devia ser uma última e sublime elevação, união e absorção do seu espírito em Deus.

«Dotado duma gravidade tão doce; arrojado intermediário entre os bárbaros devastadores da Itália e os antigos dominadores do mundo; firme perante a arrogância de Tótila, rei dos godos invasores, que depois se prostra a seus pés como um cordeiro; cercado da auréola de prodigioso taumaturgo, viril e resoluto até ao extremo no combate contra as tentações; erguido à mais alta contemplação e organizador incomparável; profundo conhecedor das tradições monásticas e do coração humano; forte como o aço na austeridade, e terno como mãe extremosa no amor; numa palavra: — cheio do espírito de todos os justos —, Bento vive e morre como um lutador cristão...»

Mas não deixemos perder o perfume da narração dos « Diálogos » (1): — « No ano em que o santo devia sair desta vida (ano de 547 — portanto com 67 anos de idade) anunciou aos discípulos, que estavam consigo, e aos ausentes, o dia da sua morte, mandando aos primeiros que guardassem segredo do que ouviam, e dando a conhecer aos segundos os sinais pelos quais poderiam certificar-se de que a sua alma se separara do corpo. Seis dias antes do falecimento mandou abrir a sepultura. Sobreveio-lhe depois uma febre violenta, que foi-o enfraquecendo dia a dia. Ao sexto dia (2) mandou que o levassem à Igreja para se preparar para o feliz trânsito. Ali recebeu o Corpo e Sangue do Senhor e, mantendo-se de pé, com os desfalecidos membros apoiados nas mãos dos discípulos, ergueu as mãos ao céu e exalou o último suspiro no meio de fervorosas orações ». ; Que scena grandiosa!

« Nesse mesmo dia apareceu a dois discípulos que, não obstante estarem separados, um no mosteiro, e o outro em viagem, tiveram a mesma vi-

(1) Diálogos — Cap. xxxvii.

(2) A Festa do trânsito de S. Bento é celebrada a 21 de Março. Em 11 de Julho a Ordem beneditina celebra a Solenidade de S. Bento com oitava. Provavelmente S. Bento morreu em 547.

são. Viram um caminho coberto de ricos tapêtes e alumado por inúmeras luzes, na direcção do Oriente, desde o mosteiro até ao céu. Lá no mais alto dessa estrada de luz estava uma pessoa de venerável e formoso aspecto, que lhes perguntou se sabiam que caminho era o que viam. Responderam que não. E então ouviu-se uma voz, que dizia: «Este é o caminho pelo qual sobe ao céu o servo de Deus, Bento. E assim aqueles irmãos viram a morte do santo homem como se estivessem presentes, e tiveram conhecimento dela pelo sinal que lhes fôra dado. O corpo de S. Bento foi depositado no oratório de S. João Baptista, que elle próprio edificara, depois de destruir o altar de Apolo. Hoje ainda obra milagres na gruta onde primeiro habitou, quando a fé dos seus devotos o exige».

* * *

— Devotos de S. Bento! Ao terminar esta desataviada «vida» do grande Patriarca, uma só coisa vos desejo: — a de que vos compenetreis cada vez mais do seu espirito; e uma só coisa vos peço: — que rezeis muito pelos seus filhos espirituais para que cresçam em número e em santidade.

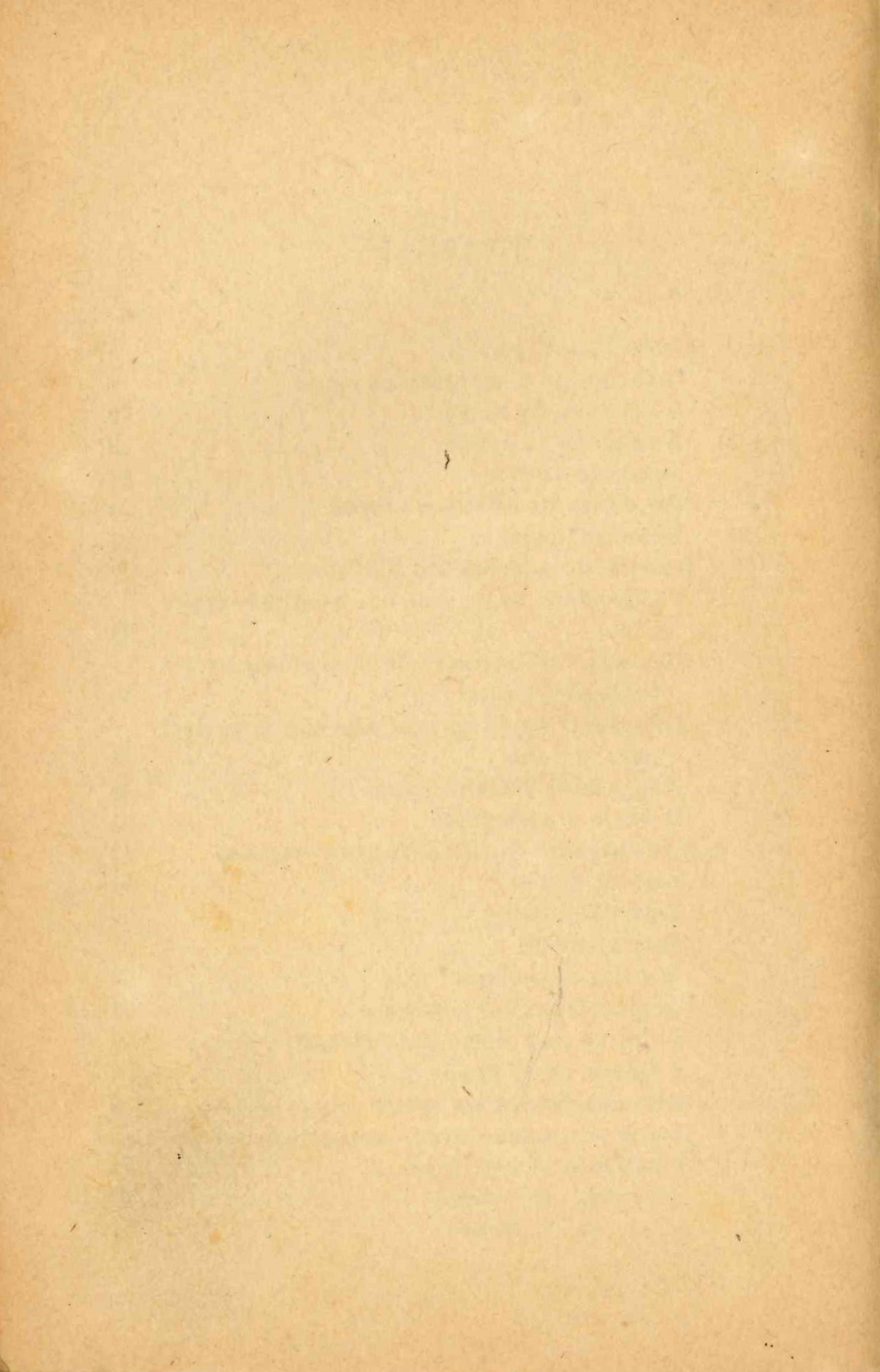
U. I. O. G. D.

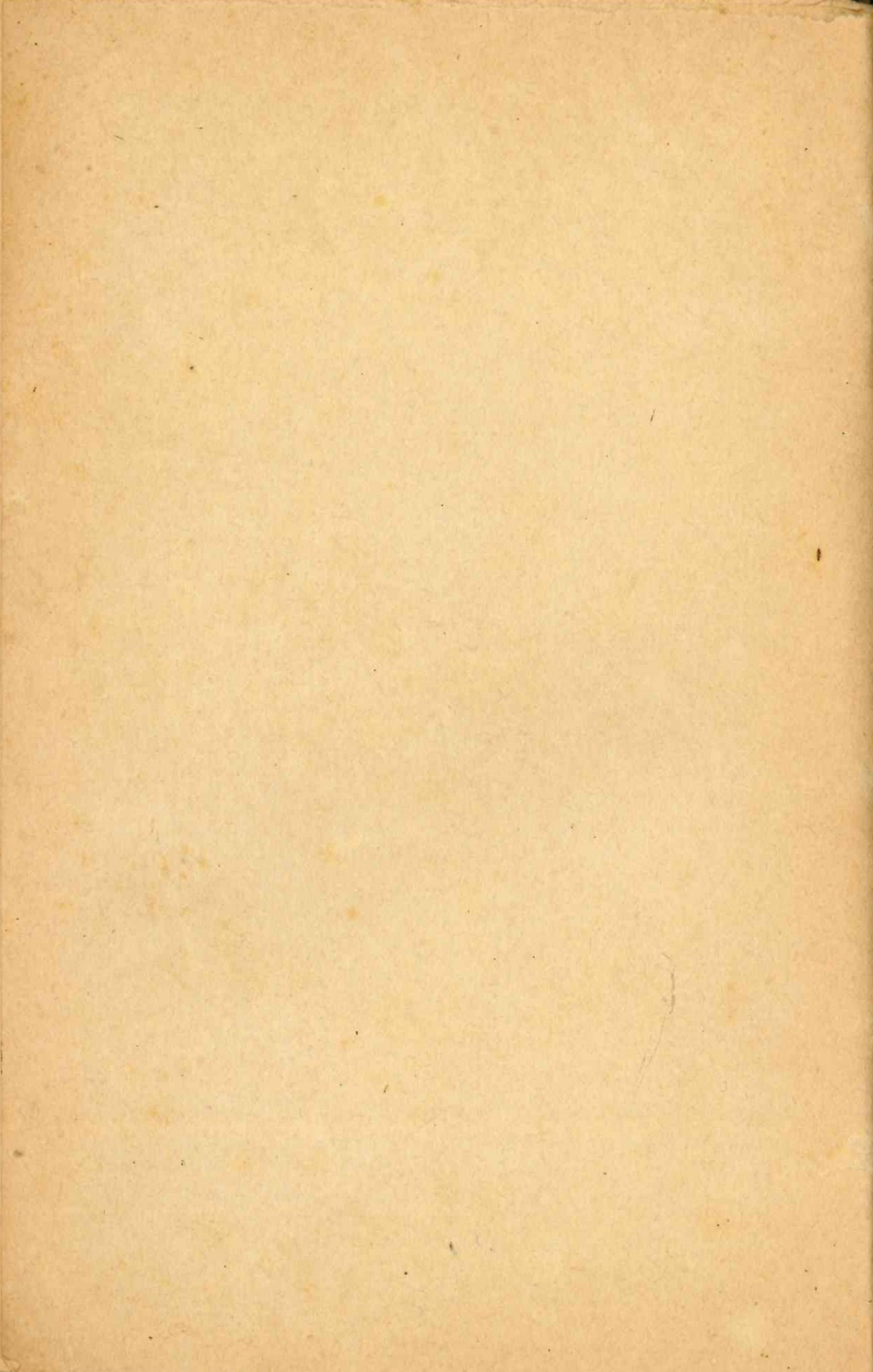
ERRATA

Na pág. 31, linha 25.^a, onde se lê: negação até *pelas* letras, leia-se: negação até *para* as letras.

INDICE

	Pag.
<i>Duas palavras</i>	5
I — <i>Nascimento e primeiros anos</i>	7
A caminho de Roma	10
A caminho da solidão	12
Tentação da carne	18
II — <i>Em contacto com as almas</i>	21
Dolorosa provação	21
III — <i>Escola do serviço do Senhor</i>	27
Castigo dum monge que não assistia à ora- ção	33
Bento faz brotar no cume dum monte uma fonte abundante	35
Uma fouce caída no lago vem juntar-se de novo ao cabo	36
Mauro anda sôbre as águas	38
O Santo é perseguido	41
IV — <i>A Montanha Santa (Monte Cassino)</i>	45
Vida de oração	51
Vida de trabalho	53
Três episódios	55
Espírito de profecia	58
Desprendimento e confiança	61
Escreveu uma Regra para monges	64
A Ordem de S. Bento	66
Bento ressuscita um morto	70
Bento vê o mundo inteiro num raio de sol	72
Fidelidade à observância	75
Zêlo pela observância	79
V — <i>Morte de S. Bento</i>	81







biblioteca
municipal
barcelos



48013

Vida de S. Bento